



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOAQUIM GOMES CABOCLO

**A FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DOS CONECTORES *ENQUANTO* E *QUANDO* SOB
PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

JOÃO PESSOA
2023

JOAQUIM GOMES CABOCLO

**A FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DOS CONECTORES *ENQUANTO* E *QUANDO* SOB
PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Teoria e Análise Linguística e linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Camilo Rosa Silva

**JOÃO PESSOA
2023**

**Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação**

C116f Caboclo, Joaquim Gomes.

A flutuação categorial dos conectores enquanto e quando sob perspectiva
funcionalista / Joaquim Gomes Caboclo. - João Pessoa, 2024.

84 f. : il.

Orientação: Camilo Rosa Silva. Dissertação
(Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística - Conectores. 2. Gramaticalização. 3. Encadeamento oracional.
I. Silva, Camilo Rosa. II. Título.

UFPB/BC

CDU 801(043)

JOAQUIM GOMES CABOCLO

**A FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DOS CONECTORES *ENQUANTO* E *QUANDO* SOB
PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

Aprovada em: 30/11/2023

BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Camilo Rosa Silva (PROLING/UFPB)

Orientador



Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (UEPB)

Examinadora Externa



Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (PROLING – UFPB)

Examinador Interno

Prof.^a. Dr.^a. Marta Anaísa Bezerra Ramos (UEPB)

Suplente Externa

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (PROLING – UFPB)

Suplente Interno

A minha família e aos amigos que me dão forças/apoio para alcançar os meus objetivos e que sempre torcem por minhas conquistas,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me nortear espiritualmente em todas as etapas da minha vida.

A minha avó, Rita Gomes (*In memoriam*), que esteve comigo em todos os momentos em vida e, agora, permanece nas minhas melhores lembranças.

A minha mãe, Rosilda Gomes, por ser presente em minha vida e que não mediu esforços para me auxiliar no que preciso.

A minha tia, Marisa Gomes, por quem tenho um enorme carinho e está presente em todos os momentos importantes da minha vida.

Agradeço à professora Marta Anaísa Bezerra Ramos, minha orientadora na graduação, e que se tornou uma amiga nesse percurso, além de ser uma pessoa com o coração grandioso.

Sou extremamente grato ao professor Camilo Rosa Silva, meu orientador, que, nesse processo, orientou de modo competente e ético. Agradeço também pela paciência e pelas palavras de incentivo no decorrer do curso.

Agradeço aos professores Henrique Miguel de Lima Silva e Raniere Marques de Melo por contribuírem significativamente na qualificação deste trabalho, foram contribuições que me ajudaram na construção do texto.

Agradeço a Aline Oliveira e a Amanda Kelly, minhas parceiras de vida, pelos conselhos, pelas palavras de incentivo e por me ouvir falar horas e horas sobre a minha pesquisa e, ainda assim, estarem dispostas a ouvir mais, caso necessário.

A Raquel Bastos, minha amiga e colega de trabalho, pelas palavras de incentivo e por tornar a rotina mais leve.

A Paula Rhanna, Gabriela Velozo, Gabrielly Barbosa, Mônica, Mikaele e Thanyty Sousa pelas palavras de apoio e por compartilharem comigo bons momentos.

Agradeço a equipe da escola Judith Barbosa pelo apoio e pelas conversas agradáveis no intervalo dos professores.

Sou muito grato aos meus amigos Daniel e Wégila, que deixaram os momentos tensos/complicados da pós-graduação um pouco mais leves e por terem me auxiliado quando precisei.

Obrigado aos meus colegas do Grupo *de Investigações Funcionalistas* (GIF), Ammyée, Maria José, Gisonaldo, Noelma, Raíssa, Fernanda, por contemplarem discussões teóricas de uma maneira leve, que tornava o encontro do grupo sempre agradável.

Meu muito obrigado a todos que me ajudaram direta ou indiretamente!

A vida é igual em toda parte e o que é
necessário é a gente ser a gente.

Clarice Lispector ¹

¹ LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.**/ Clarice Lispector. 2 ed. Rio de Janeiro, 1996.

RESUMO

Sob um viés funcionalista, os conectores, no processo de encandeamento oracional, têm o seu matiz semântico favorecido pelas pressões de uso, logo, a sua descrição é de base gramatical e discursiva. Nessa perspectiva, os textos da esfera jornalística nos despertaram o olhar devido ao comportamento sintático-semântico dos conectores *enquanto* e *quando*, ambos de valor temporal, mas que se apresentaram, em contextos específicos, com ideia de contraste (para o primeiro) e valor de condicionalidade (para o último). Nessa concepção, esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para a descrição do fenômeno da gramaticalização (um dos princípios do funcionalismo que estuda a extensão de função/sentido) de conjunções subordinativas temporais. Por essa razão, este trabalho se justifica pela necessidade de ampliar a discussão a respeito das orações adverbiais de tempo, que perpassam por recategorização semântica influenciada pelo propósito comunicativo do falante. Para esta pesquisa, tomamos como *corpus* um conjunto de textos da esfera jornalística. Coletamos os dados do jornal *A União* (2021) e das revistas *Veja* (2019), *Super Interessante* (2022) e *Radis* (2022). Para isso, assumimos o viés funcionalista norte-americano para analisar os fenômenos linguísticos, uma vez que essa teoria leva em conta os fatores sociais que influenciam diretamente no uso da língua. Como recorte na referida linha teórica, utilizamos escritos de Hopper (1987), Heine e Claudi (1991), Givón (1995), Furtado da Cunha (2015), Longhin (2016) entre outros autores que contribuíram para análise das estruturas linguísticas sob uma perspectiva funcional. A análise dos dados demonstra que o processo de mudança linguística ocorre no momento do uso, uma vez que os falantes, intencionalmente, utilizam formas inovadoras ao se comunicar para obter êxito em seus processos enunciativos. Nesse sentido, o processo de gramaticalização dos conectores *enquanto* e *quando* é favorecido pela concomitância de situações que ocorrem na oração principal e subordinada, influenciando a opacidade temporal. Além disso, a mudança linguística é influenciada por fatores pragmáticos e cognitivos, inerentes ao uso, fazendo com que os conectores assimilem matizes semânticos conforme o contexto comunicativo.

Palavras-Chave: Gramaticalização. Encandeamento oracional. Conectores. Enquanto e Quando.

RESUMEN

Bajo una perspectiva funcionalista, los conectores, en el proceso de encadenamiento oracional tienen su matiz semántico favorecido por las presiones de uso; por lo tanto, su descripción se basa en aspectos discursivos y gramaticales. Desde esta perspectiva, los textos del ámbito periodístico atrajeron nuestra atención debido al comportamiento sintáctico-semántico de los conectores «mientras» y «cuando», ambos con valor temporal, pero que se presentaron en contextos específicos, con la idea de contraste (para el primero) y con un valor condicional (para el segundo). La presente investigación tiene como objetivo general contribuir a la descripción del fenómeno de gramaticalización (uno de los principios del funcionalismo que estudia la extensión de la función/sentido) de las conjunciones subordinantes temporales. Por esta razón, este trabajo se justifica por la necesidad de ampliar la discusión sobre las oraciones adverbiales de tiempo, que atraviesan una recategorización semántica influenciada por el propósito comunicativo del hablante. Para esta disertación, tomamos como corpus un conjunto de textos del ámbito periodístico. Recopilamos datos del periódico: A União (2021) y de las revistas *Veja* (2019), *Super Interessante* (2022) y *Radis* (2022). Para ello, adoptamos la perspectiva funcionalista estadounidense para analizar los fenómenos lingüísticos, ya que esta teoría tiene en cuenta los factores sociales que influyen directamente en el uso del lenguaje. Como marco teórico, utilizamos escritos de Hopper (1987), Heine y Claudi (1991), Givón (1995), Furtado da Cunha (2015), Longhin (2016) y otros autores que contribuyeron al análisis de las estructuras lingüísticas desde una perspectiva funcional. El análisis de los datos demuestra que el proceso de cambio lingüístico ocurre en el momento del uso, ya que los hablantes utilizan intencionalmente formas innovadoras al comunicarse para tener éxito en sus procesos enunciativos. En este sentido, el proceso de gramaticalización de los conectores «mientras» y «cuando» se presenta favorecido por la simultaneidad de situaciones que ocurren en la oración principal y subordinada, influyendo en la opacidad temporal. Además, el cambio lingüístico está influenciado por factores pragmáticos y cognitivos inherentes al uso, haciendo que los conectores asimilen matices semánticos de acuerdo con el contexto comunicativo.

Palabras clave: Gramaticalización. Encadenamiento oracional. Conectores. Mientras y Cuando.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Processo de gramaticalização para Lehman	35
Figura 2: A frase subsistema de expansão	41
Figura 3: Combinação oracional em Hopper e Traugott	42
Figura 4: Representação do continuum de articulação de cláusulas	43
Figura 5: mudança semântica	54
Figura 6: Esquema do conector <i>quando</i> como topicalizador de ato e marcador de argumento	60
Figura 7: Esquema do conector <i>quando</i> como reformulador	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo dos conectores coletados nos textos	<u>63</u>
Tabela 2: Frequência do <i>enquanto</i> consoante a função e o gênero	<u>64</u>
Tabela 3: Frequência do <i>quando</i> consoante a função e o gênero	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gêneros textuais jornalísticos	62
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Coordenação e subordinação na gramática tradicional	39
Quadro 2: Período composto por subordinação, segundo Ferreira (2008)	44
Quadro 3: Classificação das orações adverbiais baseada em Sacconi (1994, p. 336-338)	46
Quadro 1: Conjunções ou locuções conjuntivas temporais presentes em gramáticas	49
Quadro 5: Correlação de tempos verbais de orações com <i>quando</i>	51
Quadro 6: Correlação de tempos verbais de orações com <i>enquanto</i>	52
Quadro 7: Estágios de mudança de significado do <i>enquanto</i>	56
Quadro 8: Sentidos expressos pelo conector <i>quando</i>	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.1 Percurso metodológico	17
2 CAPÍTULO I: PERCURSO TEÓRICO	22
2.1 O funcionalismo linguístico	22
2.2 Cognitivismo e funcionalismo: convergências teóricas	23
2.3 Categorização e prototipicidade	26
2.4 Princípio da iconicidade	28
2.5 Metáfora e metonímia como processo de mudança linguística.....	29
2.7 A noção de gramaticalização	32
3 CAPÍTULO II: ENCANDEAMENTO ORACIONAL: CONCEPÇÃO TRADICIONAL E FUNCIONALISTA	38
3.1 Período composto por subordinação	43
3.2 Orações adverbiais: concepção tradicional e funcionalista	45
3.3 As cláusulas temporais	48
3.4 Estudo do conectivo <i>enquanto</i> voltado para o uso	53
3.5 Estudo do conectivo <i>quando</i> voltado para o uso	57
4. ANÁLISE DOS DADOS: FUNCIONAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DAS CONJUNÇÕES <i>ENQUANTO</i> E <i>QUANDO</i> EM GÊNEROS JORNALÍSTICOS	62
4.1 Construções introduzidas por <i>enquanto</i>	65
4.2 Construções introduzidas por <i>quando</i>	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

Este estudo parte da consciência de que os itens linguísticos *enquanto* e *quando* exercem funções relacionais que extrapolam a classificação de temporalidade, comumente atribuída a eles nos diversos estudos tradicionais. Mobilizados por esse conhecimento prévio, investimos no propósito de apresentar uma descrição gramatical mais aproximada do comportamento real dos itens em tela nos diversos contextos de uso (sintático-semânticos e discursivos) nos quais são requisitados.

Sabemos que a concepção clássica de classificação pressupõe a existência de categorias organizadas, conforme os itens apresentem os mesmos atributos essenciais e suficientes para pertencer a determinado conjunto, formando exemplos prototípicos. Essa visão é adotada pela tradição gramatical ao considerar que as classes de palavras são estanques, fixas e bem definidas, eliminando a possibilidade de flutuação de categorias. Nessa perspectiva, o enquadramento das palavras em um grupo rege-se pela apresentação de propriedades comuns, uma forma de classificação que tem relação direta com a visão aristotélica acerca da linguagem.

Consoante afirma Rizzatti (2001), o procedimento mental de classificar algo é denominado de categorização e seus produtos são categorias que podem ser interpretadas como conceitos mentais armazenados na memória do falante. Ou seja, quando o interlocutor utiliza determinado vocábulo ao se comunicar, conscientemente - ou não, aciona características essenciais que melhor definem o que foi falado.

Seguindo a Norma Gramatical Brasileira (NGB), as gramáticas tradicionais subdividem as palavras em dez classes: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, utilizando, predominantemente, o critério nocional (ou semântico). Perini (1995), de outro modo, segue o critério formal², propondo uma matriz que considera aspectos como: flexão, posição, concordância, mas destaca que a classificação deve levar em conta o potencial funcional das palavras. Assim, essa noção leva em consideração o conjunto de funções sintáticas que uma palavra pode desempenhar.

A partir desse pressuposto, a gramática normativa classifica as palavras utilizando um amontoado de critérios, ao passo que ora considera o caráter mórfico, ora o semântico, ora o

² Perini (1995) afirma que, para classificar uma palavra, considera-se os seguintes critérios: significação (semântico); sintático (funcional) e flexão e formação das palavras (formal). Na tradição, os critérios de utilização flutuam entre o semântico, sintático e morfológico.

funcional. Essa mistura de critérios pode dificultar o processo de classificação do vocábulo, em razão de não descrever/prescrever, coerentemente, uma norma padrão. A esse respeito:

A classificação tradicional das palavras em classes, que remonta aos gramáticos gregos e latinos, toma como base os critérios mórfico e sintático, [...] Fá-lo, porém, dentro de critérios heterogêneos, ora prevalecendo o mórfico, ora o sintático, ora o semântico, sem determinar, portanto, a hierarquia dos critérios. (Macambira, 1974, p. 52)

O autor complementa que as palavras de qualquer língua se subdividem em classes, de acordo com as formas, funções e sentidos que desempenham na oração. Para exemplificar o critério mórfico, o gramático faz referência à conjunção (classe objeto de estudo deste trabalho), o qual entende por forma de um ou mais fonemas constituídos de significação. O estudioso cita a conjunção *e*, constituída por um único fonema e exprime ideia de adição (aspecto semântico).

Em outra perspectiva, Neves (2011), ao organizar a *Gramática de Usos do Português*, distribui as classes de acordo com os processos de organização do enunciado dado o sentido do texto: predicação, referenciação, quantificação, indefinição e junção. Por essa razão, estuda as preposições, os advérbios e as conjunções na parte que trata das palavras que atuam no processo de junção de elementos do discurso, sinalizando o modo pelo qual se conectam as partículas dentro das estruturas oracionais no âmbito textual. Essas classes possuem características em comum, como a invariabilidade (critério morfológico) e a função relacional, atuando como conectores de orações. A tradição, diferentemente, destina a função de interligar palavras e orações apenas às preposições e conjunções.

Para esta pesquisa, interessamo-nos, especificamente, pelas conjunções subordinativas temporais *enquanto* e *quando*, tendo em vista que são itens que introduzem orações adverbiais, além de observamos que esses itens, em contextos específicos, são revestidos de novos valores semânticos, a exemplo de contrariedade para *enquanto* e condicionalidade para *quando*, que são usadas intencionalmente pelos falantes para atingir os seus propósitos comunicativos.

Nesse contexto, cabe ressaltar que as palavras não apresentam sentidos únicos nem atuam em funções fixas e discretas, consoante os compêndios tradicionais, mas que podem ter extensão de sentido, evidenciando, portanto, que apesar de as conjunções fazerem parte das classes fechadas, ainda são propensas à variação e/ou à mudança funcional.

Logo, nesta pesquisa, assumimos o viés funcionalista, ao conduzirmos por estudos de autores como Givón (1995), Hopper e Traugott (1993) e Neves (2011), entre outros que analisam os fenômenos linguísticos no curso das situações interacionais. Essa perspectiva teórica leva em conta os fatores sociais que influenciam diretamente no uso da língua,

reforçando a ideia de que as estruturas linguísticas não são estanques, mas sim fluidas, pois as categorias gramaticais mudam e se revestem, funcional e semanticamente, de acordo com as pressões de usos.

Diante desse quadro, sentimo-nos estimulados a compreender o funcionamento textual-discursivo desses elementos, no que diz respeito, especificamente, a sua multifuncionalidade nas situações de uso. Essa perspectiva de abordagem dá margem, neste trabalho, para os seguintes questionamentos:

- Quais fatores internos e externos influenciam a flutuação semântica de tempo do conector *enquanto* para atuar, em determinados contextos, em função opositiva?
- Quais fatores internos e externos influenciam a conjunção temporal *quando* a indicar valores de condição?
- Qual o papel exercido pelo gênero textual e pela correlação verbal nesse percurso de mudança?

A partir desses questionamentos, nosso objetivo principal, ao investigar o processo de mudança linguística dos itens *enquanto* e *quando*, é contribuir para a descrição do fenômeno da gramaticalização (um dos princípios do funcionalismo que estuda a extensão de função/sentido) de conjunções tradicionalmente tidas como subordinativas temporais. Nessa investigação, temos como objetivos específicos:

- Descrever as propriedades sintático-semânticas dos itens *enquanto* e *quando*;
- Evidenciar qual(is) motivação(ões) leva(m) os falantes a utilizarem esses itens com valores inovadores;
- Descrever o processo de gramaticalização de *enquanto* e *quando* nesse percurso de mudança.

Este estudo se justifica pela necessidade de ampliar as discussões a respeito das cláusulas hipotáticas de tempo, em textos jornalísticos, ao passo que os conectores que introduzem essas orações são suscetíveis a passarem por recategorização semântica, influenciada pelo propósito enunciativo do interlocutor.

1.1 Percurso metodológico

Esta pesquisa é de base qualitativa e interpretativista, uma vez que a interpretação dos fatos apresenta uma importância fundamental para o estudo, ao passo que não se restringe a um grupo de informações fechadas no qual o valor numérico é o único critério a ser considerado. Para Apollinário (2004, p. 151), esse tipo de pesquisa “lida com fenômenos: prevê a análise

hermenêutica dos dados coletados”. Seguindo esse método, investigamos aspectos sintáticos, semânticos e discursivos das conjunções subordinativas mencionadas, levando em consideração o contexto de produção das ocorrências nos gêneros jornalísticos e as finalidades discursivas dos autores dos textos.

Além disso, este estudo se norteia por uma abordagem quantitativa e descritiva, pois, consoante Gil (2002), a descrição das características de um determinado fenômeno possibilita fazer o levantamento das características de determinada categoria e entender as suas variáveis. Também nos norteamos pelo critério da quantificação porque possibilita, objetivamente, a constituição de fatos mensuráveis, uma vez que se faz um levantamento dos enunciados introduzidos pelos conectores *enquanto* e *quando*, a fim de descrever os padrões de usos dessas conjunções que recebem novos valores semânticos conforme a situação comunicativa, buscando quantificar a frequência com que o fato ocorre, entender suas causas e descrever suas características.

Para esta pesquisa, tomamos como *corpus*³ um conjunto de textos da esfera jornalística, coletados no jornal “A União” (2021) além das revistas Veja (2019), Super Interessante (2022) e Radis (2022). Foram dez exemplares de cada, sendo essa quantidade estabelecida para contemplar o maior número de meses de cada ano das edições. A escolha desses suportes foi motivada por ser um material de grande circulação e que apresentam um certo grau de formalidade em seus textos, justamente por abordarem discussões no âmbito da política, saúde e economia.

Esses suportes são constituídos pelos gêneros artigo de opinião, carta do leitor, entrevista e reportagem. A escolha desses gêneros se dá em razão de representarem uma maior recorrência no *corpus* e por se tratar de textos que têm uma maior abrangência de circulação social, uma vez que, geralmente, os autores buscam aproximar a linguagem de seu público-alvo com o intuito de informar e convencer a respeito de determinado fato. É válido evidenciar que, apesar de serem gêneros textuais recorrentes no cotidiano dos falantes e de haver esforço dos autores para se fazerem compreensíveis o máximo possível aos olhos do leitor, os textos buscam atender às regras gramaticais consideradas padrão.

Realizamos um estudo sincrônico, constituído por edições do ano de 2019 a 2022, a fim de analisar o comportamento sintático-semântico dos conectores *enquanto* e *quando* nesse recorte temporal, visto ser um contingente que atende às expectativas dos objetivos da pesquisa. Entretanto, é válido esclarecer que a seleção desse período também foi influenciada pela

³ É importante destacar que não coletamos dados da edição de 2020 das revistas por não conseguir acesso ao material.

dificuldade de acesso a edições de outros anos, fato que não interferiu negativamente na obtenção de um volume quantitativamente satisfatório de dados.

Para a composição do *corpus*, quantificamos um total de 256 textos jornalísticos, cuja quantidade contempla os gêneros artigo de opinião, carta ao leitor, entrevista e reportagem. Hipotetizamos que a seleção de conectores adverbiais é mais recorrente nesses gêneros porque direcionam para os argumentos do emissor, usando estruturas linguísticas que norteiam a busca pelo convencimento do leitor. No capítulo analítico, será apresentado um gráfico indicando a porcentagem de cada gênero. Nas ocorrências analisadas, encontramos um total de 257 estruturas introduzidas por *enquanto* e 565 estruturas encabeçadas pelo conector *quando*.

O procedimento de coletar e selecionar as ocorrências foi manual. Primeiramente, dividimos o material por ano, para, em seguida, realizar a leitura dos textos com o intuito de identificar as orações introduzidas por *enquanto* e *quando*. Após a identificação das cláusulas⁴ introduzidas por esses conectores, fizemos uma leitura minuciosa para apontar as funções das conjunções *enquanto* e *quando* – tempo/contraste para o primeiro e tempo/condição para o último. Feita a identificação desses matizes semânticos, separamos o quantitativo de ocorrências por gênero de texto (critério explicitado em uma tabela, presente na análise). Logo, essa coleta possibilita identificar quais funções esses itens desempenham nos textos jornalísticos e quais deles tiveram maior predominância, tratando-se de frequência de uso.

No que tange à caracterização dos materiais selecionados para análise, *A União* é um jornal do estado da Paraíba, editado na cidade de João Pessoa, que versa sobre temas envolvendo educação, política, economia, segurança, entre outros, no estado paraibano. O jornal possui edição física e digital. A revista *Veja* tem a sua distribuição realizada semanalmente pela editora Abril e trata de temas nacionais e internacionais. Os principais assuntos abordados giram em torno do âmbito educacional, político, econômico, cultural, além de tratar sobre curiosidades, ciência e cinema. *A Superinteressante* é uma revista brasileira de divulgação científica e cultural também publicada mensalmente pela editora Abril. Por fim, a *Radis* é uma revista que advém de um programa nacional de jornalismo referente ao tema de saúde pública, tendo como objetivo principal informar a população sobre o conceito amplo de saúde, qualidade e condições de vida.

É necessário destacar que esses periódicos, como têm grande visibilidade e por tratarem de temas complexos, têm uma maior preocupação quanto às estruturas linguísticas utilizadas,

⁴ Neste trabalho, utilizamos o termo *cláusula* como intercambiável com o termo *oração*, embora saibamos da existência de especificidades que obstaculizam a existência de uma sinonímia perfeita entre os dois.

apresentando um certo grau de formalidade e, conseqüentemente, os textos são escritos na língua padrão (uso de prestígio).

Tratando-se das características dos gêneros textuais que constituem os periódicos selecionados para análise, a carta do leitor configura-se como a opinião do leitor expressa sobre determinada matéria ou assunto presente em um veículo de comunicação. Esse gênero tem como uma das principais características a argumentação, tendo em vista que sua finalidade é abordar a opinião do leitor sobre algum tema de que ele discorde. A esse respeito, França (2013, p. 155) afirma:

A carta do leitor, definida como um texto em que o leitor de jornal ou de revista manifesta seu ponto de vista sobre um determinado assunto da atualidade, usando elementos argumentativos, ao contrário, requer uma maior elaboração e ordenamento das ideias, pois se trata de um gênero secundário mais complexo, cuja linguagem tem que ser formal, na variedade padrão.

O artigo de opinião, assim como a carta do leitor, é um gênero da trama argumentativa, que expressa a opinião e utiliza-se de estratégias argumentativas para convencer o leitor. Esse gênero possibilita a interação entre autores e leitores de jornais e revistas, pois divulga o ponto de vista de quem escreve.

Quanto à entrevista, esse gênero se configura com uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, a partir de perguntas e respostas. Apesar de esse tipo de texto ser primariamente oral, na revista, eles são reestruturados e o texto se aproxima da norma padrão, minimizando as marcas de oralidade.

Já a reportagem é um gênero de grande relevância na esfera jornalística, uma vez que divulga um fato de modo mais minucioso. Para isso, contempla descrição detalhada, aspectos de comprovação e até mesmo recursos de argumentação. Ainda sobre esse gênero, Koche e Marinello (2012, p.147) ressaltam que: “[...] a reportagem resulta em uma narração mais extensa, devido à participação de repórteres ou enviados especiais em eventos. Quando o texto é mais longo, a assinatura pelo jornalista gera maior subjetividade”.

Como, predominantemente, esses gêneros textuais descritos possuem um alto teor de argumentação, por ter em evidência a subjetividade (seja em nível maior ou menor) de quem escreve/fala, as estruturas linguísticas selecionadas visam atingir os propósitos comunicativos. Nesse sentido, partimos do pressuposto de que os conectores de natureza adverbial (em se tratando especificamente dos itens *enquanto* e *quando*) orientam/estruturam os argumentos do falante que desencadeiam esforços voltados para o convencimento do interlocutor.

Nessa perspectiva, no ato comunicativo, esses conectores podem passar por mudanças semânticas (devido a pressões contextuais), que se concretizam em mudanças funcionais, influenciando uma maior reflexão sobre o encandeamento oracional, conforme discorreremos a partir dos dados em análise na pesquisa.

Para melhor organização das informações desta dissertação, o texto está dividido em três capítulos. Além desta introdução, o capítulo I “O funcionalismo linguístico” trata sobre as principais contribuições do funcionalismo norte-americano, evidenciando o processo de gramaticalização (princípio que explica a mudança semântica dos itens aqui analisados), assim como a teoria dos protótipos e a iconicidade. Ademais, contemplamos a metáfora e a metonímia como processos geradores de mudança linguística, que apresentam conceitos pertinentes à nossa análise.

No capítulo II, “Encandeamento oracional: concepção tradicional e funcionalista”, tecemos informações sobre a articulação oracional em ambas as vertentes, como também traçamos um panorama das cláusulas adverbiais de tempo, para, em seguida, especificar as conjunções subordinativas *enquanto* e *quando*, a partir de uma perspectiva centrada no uso desses itens.

O capítulo III, “Análise dos dados: funcionamento sintático-semântico das conjunções *enquanto* e *quando* em gêneros jornalísticos”, destina-se à análise dos dados à luz da teoria funcionalista. Nesse capítulo, buscamos evidenciar as motivações que influenciam a mudança linguística e o percurso de gramaticalização experimentado pelos conectores aqui analisados.

Nesse direcionamento, analisando os gêneros jornalísticos aqui referenciados, pretendemos contribuir para ampliar a descrição do funcionamento linguístico, em dados de língua em uso, no que tange ao processo de gramaticalização dos conectores originariamente temporais: *enquanto* e *quando*.

2 CAPÍTULO I: PERCURSO TEÓRICO

Este capítulo está dividido em seis tópicos, que tratam sobre aspectos fundamentais da teoria funcionalista. Apresentamos conceitos da linguística funcional, assim como as convergências teóricas com o Cognitivismo, para, em seguida, abordar os princípios, a exemplo da gramaticalização.

2.1 O funcionalismo linguístico

Para a abordagem teórica denominada de funcionalismo linguístico⁵, a língua é um instrumento de interação social e, em decorrência disso, as estruturas linguísticas servem aos falantes, evidenciando que a gramática é maleável, de modo que forma e função estão associadas, para servirem a um propósito comunicativo. Nessa concepção, nas palavras de Kenedy (2018, p.20), a língua “[...] não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.”

Nesse sentido, a gramática é tida como dinâmica, uma vez que está a serviço das necessidades comunicativas do interlocutor no momento da interação. Devido a essa maleabilidade, as estruturas linguísticas emergem do uso, fenômeno linguístico que Hopper (1993) denomina de **gramática emergente**. O autor esclarece que a gramática é sempre emergente, mas nunca presente, tendo em vista que ela não é um produto, mas sim um processo que está em constante movimento.

Por esse viés, a linguística funcional privilegia o estudo da relação entre estrutura gramatical e contexto comunicativo, isto é, leva em consideração tanto aspectos linguísticos como também extralinguísticos. Furtado da Cunha (2015, p. 158) afirma que a análise linguística, pautada no funcionalismo, caracteriza-se por entender que “a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si” e que “as funções externas influenciam a organização interna do sistema”.

Neves (1997, p 115), ao recorrer aos estudos de Halliday (1985), aponta algumas características da gramática funcional: i) orienta-se pelo viés paradigmático; ii) a língua é interpretada como uma rede de relações e iii) o foco se dá nas variações entre línguas diferentes.

⁵ Na verdade, não existe um único Funcionalismo. São diversas as correntes que se assentam sob esse rótulo, de modo que Neves (2006) sugere que a melhor forma de identificar o funcionalismo a partir do qual se constitui uma determinada abordagem é referenciar o nome dos autores.

Diante disso, vimos que a gramática de base funcionalista tem como princípio o uso da língua em sociedade – enfatiza o caráter social. Além disso, a autora ainda contempla a informação de que a gramática, nesse contexto, significa uma interpretação das formas linguísticas e é funcional por ser baseada no significado. Nesse sentido, temos o seguinte conceito de gramática funcional elaborado por Neves:

uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm propriedades sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso. Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira intencionalmente satisfatória. (Neves, 1997. p 15)

A gramática, nessa perspectiva, está sujeita a mudanças morfológicas e sintático-semânticas, que são concebidas no momento da interação e que estão relacionadas a estratégias discursivas. A competência comunicativa, desse modo, influencia nessa maleabilidade gramatical, uma vez que consiste na habilidade que o falante tem para se direcionar ao interlocutor com clareza, assertividade e eficácia. Isto é, ter a capacidade de selecionar as estruturas linguísticas mais adequadas à situação enunciativa.

No próximo tópico, abordaremos a concepção de linguística cognitiva, já que há traços convergentes dessa perspectiva com o funcionalismo linguístico.

2.2 Cognitivismo e funcionalismo: convergências teóricas

O estruturalismo linguístico privilegia a forma, com ênfase no significante – considerando a autonomia da língua (sistema linguístico rígido). Por essa razão, os aspectos sociais, culturais e cognitivos são deixados à margem. Nessa concepção, para analisar a língua em situações reais de comunicação, a chamada linguística cognitiva foi sendo fundada paralelamente ao funcionalismo, pois tinham o mesmo objetivo: considerar, na explicitação dos fenômenos linguísticos, os fatores extralinguísticos.

Martelotta e Alonso (2012, p. 92) recorrem ao texto de Salomão (1999) para tratar sobre os novos caminhos da linguística, sobretudo no que concerne à construção do sentido:

No momento em que, segundo a recomendação saussureana, adota-se outro ponto de vista, os estudos da linguagem reconhecem novo objeto: quando os

estudos da linguagem afastam-se da tradição formalista das análises do significante e do significado, e encaram o desafio de tratar o fenômeno da significação, tornam-se insustentáveis tanto a tese da exclusão do sujeito, cultivada pelos estruturalismos de todas as matizes, como a tese gerativa da exclusividade do sujeito cognitivo, enobrecida pela reflexão platônico-cartesiana. A alternativa que as semânticas construcionistas propõem a esta dicotomia indesejável é postular a linguagem como operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo [...]

Nesse contexto, no paradigma cognitivista, o significado é construído de maneira dinâmica. A palavra, desse modo, não é considerada como portadora de significado, mas sim como amparo para a construção de sentido, e este é embasado no conhecimento do falante e das construções linguísticas produzidas no ato discursivo. Ao relacionar esse paradigma teórico ao nosso objeto de estudo (conectores *enquanto* e *quando*), estamos reforçando a noção de que o uso desses itens (com seus matizes prototípicos e/ou inovadores) não se constrói de forma aleatória, ao passo que o interlocutor utiliza seu conhecimento linguístico para estruturar o enunciado.

Diferentemente da abordagem chomskyana, a qual prevê que a mente é formada por módulos, sendo cada um responsável por uma atividade cognitiva diferente, o cognitivismo compreende a cognição como um conjunto de sistemas interligados, que contempla aspectos linguísticos, percepção de mundo, capacidade de armazenar informações na memória, sentimentos, considerando o contexto sociocultural do falante. Portanto, a linguagem está ligada diretamente à experiência humana do mundo, consoante ressaltam Martelotta e Alonso (2012, p. 99):

Nossos sentidos corporais nos fornecem os dados referentes ao ambiente em que vivemos, o que significa que a nossa experiência mais básica se estabelece a partir de nossa estrutura corporal. Assim, a mente é vista como não separada do corpo e o pensamento é corporificado, no sentido de que sua estrutura se relaciona à configuração do nosso corpo e suas restrições de percepção.

Assim, no cognitivismo linguístico, há uma relação dinâmica no processo de significação que está associado ao contexto comunicativo. Sob essa ótica, Langacker (2008) afirma que a linguagem é significativa, uma vez que o significado de uma expressão depende de outros fatores, além do descrito na cláusula, a exemplo de um substrato conceitual – que inclui conhecimento prévio, contexto físico, social e linguístico.

A linguagem, nessa concepção, inclui a função semiológica de considerar que as conceitualizações sejam simbolizadas por meio de sons e gestos, assim como permite uma

função interativa e multifacetada. No âmbito da palavra, o significado está associado ao contexto no qual ela se insere, armazenando os conceitos em categorias semânticas representadas a partir de um modelo mental. Koch (2002) define modelos mentais como estruturas complexas de conhecimento que simbolizam experiências vivenciadas no meio social e que fundamentam os processos conceituais. Ainda sobre a construção do significado das palavras como um processo mental e conceptual, Vygotsky (2001, p. 398) afirma:

[...] O significado da palavra só é um fenômeno do pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento.

Considerando que a construção do significado/sentido se dá através de formas linguísticas maleáveis que se moldam continuamente no discurso, Chiavegatto (2009, p.5) esclarece que o significado dos enunciados é: i) norteado pelas formas linguísticas; ii) uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; e iii) validado no contexto comunicativo.

Diante desses pressupostos, entende-se que a gramática, para a linguística cognitiva, não é concebida como um conjunto de categorias, palavras, regras e sentenças fechado, mas deve ser compreendida como algo processual, relacionada à base de conhecimentos dos falantes. Por essa razão, a língua é vista como “um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade”. (Chiavegatto, 2009, p.5)

Um dos pontos que aproximam o funcionalismo e a linguística cognitiva é justamente a importância do contexto de interação e das operações cognitivas nos processos de significação. Além disso, a língua, nesse sentido, é entendida como um sistema flexível, moldada pelo uso e pelas influências socioculturais.

Givón (1995) aborda premissas basilares do funcionalismo linguístico, que podem estar associadas à linguística cognitiva:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- A mudança e a variação estão sempre presentes;
- O significado é dependente do contexto e não-atômico;
- As categorias não são discretas;

- A estrutura é maleável, não-rígida;
- As gramáticas são emergentes.

Ao referenciar esses tópicos, estamos situando que a linguística cognitiva vai ao encontro da teoria funcional, ao defender que a língua perpassa pelas atividades sociais, relacionadas ao cognitivo do falante, assim como se guia pelos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Por conseguinte, a gramática está vinculada à cognição e ao discurso, frisando que a gramática, o cognitivo e o discurso são associáveis e importantes para os estudos da linguagem em sociedade.

A gramática, considerada por essa vertente teórica, está diretamente ligada ao discurso e ao contexto comunicativo. Logo, interligar essas duas teorias citadas significa dizer que a linguística funcional leva em consideração o papel da cognição no que tange à organização das línguas naturais. Por esse motivo, no próximo tópico, comentaremos sobre a noção de categorização e prototipicidade, iconicidade, metáfora e metonímia, processos convergentes entre o cognitivismo e o funcionalismo linguístico.

2.3 Categorização e prototipicidade

O processo de categorizar, classificar, nomear é uma das capacidades cognitivas que os falantes utilizam para organizar as estruturas linguísticas e retratarem, através da linguagem, as conceitualizações e suas experiências de mundo.

A categorização é descrita como o entendimento da experiência com relação a estruturas (itens) previamente existentes. Langacker (2008) esclarece que a categoria é um conjunto de elementos tidos como equivalentes para algum propósito. Os sentidos alternativos de um item lexical constituem uma categoria equivalente por ter a mesma realização fonológica. O autor complementa que se uma estrutura **A** pertencer a uma categoria, ela pode ser usada para categorizar outra estrutura **B**, que pode, assim, se tornar um membro da categoria.

No cognitivismo, a categorização linguística ocorre por meio dos protótipos, que são representações mentais típicas. As estruturas linguísticas, nesse segmento, apresentam um protótipo, isto é, a estrutura que melhor representa a categoria.

Na década de 70, surge a teoria dos protótipos com uma nova abordagem para tratar do processo de categorização. A prototipicidade possui duas concepções: a clássica de Platão e Aristóteles e a de Wittgenstein. A primeira baseia-se em uma visão tradicionalista acerca das categorias linguísticas, enquanto a segunda é pautada em uma perspectiva natural.

Na primeira visão de prototopia, Aristóteles defendia a ideia de mundo a partir de um pensamento objetivista, o qual pode ser compreendido através da lógica, resultando na categorização de coisas/objetos (essência) existentes no mundo. Santos (2010) informa que a concepção clássica de categorização se interessa por traços essenciais – formas gerais, a exemplo de feminino e masculino –, uma vez que determina se um item pertence ou não a determinada categoria. Consequentemente, os traços acidentais: cor de olhos e altura, por exemplo, não recebem total importância, pois não são vistos como formas dicotomizadas.

Nesse entendimento, a categorização das palavras, na visão clássica de protótipos, está pautada na compreensão de que o significado é construído a partir de atributos necessários e suficientes para se ter um conceito determinado, resultando na associação entre a palavra e o seu conceito. Nesse cenário, a classificação das palavras é fixa, não se recategoriza. Neves (2006), a esse respeito, esclarece que é uma preocupação definir cada categoria e delinear uma subcategorização, que forma um quadro paradigmático que, em tese, contempla todas as entidades da língua.

Na perspectiva de Wittgenstein, o processo de categorização ocorre por meio de semelhanças de famílias, ou seja, o item que recebe o maior número de características de uma determinada categoria tem o título de melhor exemplar, portanto, o protótipo. Ao pensarmos em categorias que se aproximam por semelhanças familiares, itens de uma categoria A, B, C e D, por exemplo, não são fechadas em si. Ou seja, elementos de A e B podem ter características semelhantes, mas A não tem necessariamente proximidade com C, no entanto, não há rigidez e sim gradiência.

Para representar a perspectiva Wittgensteiniana, Santos (2010) utiliza como exemplo a categoria animal: homem e bicho. O primeiro como animal racional e o último, irracional. Dessa forma, teríamos A= homem; B= cachorro e C= formiga. As categorias A e B se aproximam pela seguinte semelhança: homem e cachorro são mamíferos, enquanto a formiga não, mas que poderia se enquadrar na categoria de animal irracional. Isso evidencia que as categorias podem ser organizadas por diversos critérios, eliminando a possibilidade de fixar um grupo em uma categoria com traço geral efetivo, mas relacionar elementos por familiaridade que remetem a outro item. Essa visão problematiza a clássica uma vez que esta considera um item que não possua os traços essenciais de uma dada categoria, e, mesmo assim, é categorizado como tal.

O protótipo, baseado nos estudos de Eleanor Rosch, em meados dos anos 70, é considerado o item mais representativo em um determinado conjunto. Isso significa dizer que um grupo é constituído de itens que melhor apresentem características de uma categoria X, o

que Rizzatti (2001) afirma que o protótipo representa o melhor exemplar, por possuir as propriedades consideradas essenciais de determinado item.

Nessa direção, Rizzatti (2001), para representar o pensamento de Rosh, utiliza como exemplo os atributos prototípicos de um pássaro da classe pintarroxo: põe ovos; tem bico; duas asas e duas pernas; pode voar; canta; pernas finas e curtas; peito vermelho; tem rabo curto. Ao considerar o avestruz, este compartilha de algumas semelhanças, a exemplo de duas pernas e um bico, mas não se classifica como um pássaro pintarroxo, uma vez que este tem propriedade centrais para ser categorizado como tal, em comparação ao avestruz apresenta traços mais periféricos.

Diante desses dois modelos de categorização, para os estudos linguísticos, Givón (1989) propõe uma terceira via: a teoria do protótipo. Nesse modelo, o autor considera que os membros de uma categoria estão em um *continuum categorial*, que consiste na flexibilidade de categorias, pois o critério de pertencimento de itens a uma categoria está associado ao caráter de similitude, isto é, as categorias não são discretas, mas constituídas pela intersecção de inúmeros atributos.

As palavras, nesse sentido, são flutuantes, uma vez que a sua categorização pode variar a depender do contexto de uso. Por isso, a teoria dos protótipos enriquece o estudo sobre mudança linguística, pois defende a ideia de uma fluidez categorial entre os itens. Esse estudo permite analisar como ocorre o processo de categorização dos conectores temporais no português (*enquanto* e *quando*), itens estes que em tópicos seguintes receberão destaques.

A noção de prototipicidade, nessa concepção, é fundamental para este estudo, pois auxilia na compreensão dos conectores em análise, os quais se categorizam a partir de outros matizes semânticos, fornecendo base para analisar as variações sintáticas, semânticas e discursivas que assumem ao estabelecer a conexão entre as cláusulas adverbiais aqui estudadas.

Logo, a teoria dos protótipos dá base para entender o potencial funcional das palavras, diante da forma e sentido que assumem nos contextos de uso, promovendo, então, uma leitura que considera a progressão de traços formais e funcionais.

2.4 Princípio da iconicidade

A iconicidade, princípio do funcionalismo, está associada diretamente à cognição. Nessa perspectiva, para a teoria funcional, há uma motivação natural entre forma e função. Por isso,

nessa teoria linguística, há o princípio da iconicidade, que consiste na concepção de que há uma relação motivada entre o código linguístico e o seu significado. Essa visão, de certo modo, opõe-se à noção de arbitrariedade do signo linguístico, postulada por Saussure (2008), uma vez que no formalismo a representação da realidade não está estabelecida a partir de um conjunto de signos, ou seja, o significado é arbitrário e construído por convenções sociais. Diferentemente disso, a iconicidade, como afirma Silva (2005), estabelece que a relação forma e significado é sempre motivada.

Givón (1991) menciona que a linguagem, de algum modo, reflete o pensamento, este, por sua vez, espelha a realidade externa. Essa noção traz a ideia de que a sintaxe de uma língua não é arbitrária, mas sim, nas palavras do autor, uma forma isomórfica relacionada ao seu *designatum* mental. Para esclarecer esse pensamento, o teórico cita Peirce, o qual retrata que na sintaxe da linguagem humana há ícones lógicos auxiliados por regras convencionais.

Nesse sentido, há três subprincípios icônicos que estão presentes na formação de estruturas sintáticas, são eles: o da **quantidade**; o da **proximidade** e o da **ordenação linear**. O primeiro diz respeito à complexidade cognitiva, ou seja, quanto mais informação é emitida, maior será a quantidade de forma utilizada. O segundo subprincípio consiste na compreensão de que a proximidade no plano da cognição pode resultar na proximidade no nível sintático. Já o último subprincípio indica que os eventos que ocorrem na realidade (sequência de ações) determinam a ordem em que são expostos na oração.

A língua, por esse viés, não é um esquema arbitrário de realizações linguísticas, porque as intenções do falante – envolvendo a complexidade dos enunciados – manifestam-se diferentemente nas estruturas oracionais elaboradas pelo enunciador, isto é, a sua organização se constitui de fatores semânticos e cognitivos. Em suma, o princípio da Iconicidade possibilita uma análise pormenorizada dos contextos de uso morfossintático da língua.

2.5 Metáfora e metonímia como processos de mudança linguística

Recorrentemente, a metáfora e a metonímia recebem grandes destaques no campo da literatura, para auxiliar na interpretação textual dos mais diversos gêneros literários (poemas, contos, fábulas etc.). No entanto, esses recursos linguísticos também são usados para explicar o processo de mudança semântica (recategorização) de elementos da língua.

Conforme ressaltam Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), o processo de extensão metafórica trata-se do uso de um item linguístico para um novo conceito a partir de um

procedimento que iguala metaforicamente dois conceitos diferentes, conseqüentemente, o termo utilizado tem seu caráter semântico estendido para se referir a outro elemento. Por esse viés, na transferência metafórica, ocorre a derivação de sentidos do domínio real para situações mais abstratas, em um processo unidirecional CONCRETO > ABSTRATO.

Seguindo esse raciocínio, os autores citados retratam que o desenvolvimento de itens gramaticais ocorre por meio do seguinte itinerário: PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Isso significa dizer que cada item desses representa uma diversidade de conceitos definidos linguisticamente, tornando parte de um domínio da conceptualização significativa à experiência humana.

Carvalho (2004) esclarece que as metáforas possuem duas vertentes: a metáfora linguística e a conceitual. A primeira estrutura o sistema conceitual a partir do que se compreende de mundo e a forma como se age nele; a segunda, estrutura o pensamento humano. O autor ainda recorre a Lakoff & Turnee (1989) para abordar o conceito de metáfora segundo esses teóricos:

[...] a metáfora é uma figura de linguagem que compra seletivamente destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa. Para eles, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos. (CARVALHO, 2004, P. 221)

Para complementar as informações a respeito da metáfora como um processo conceptual, abordamos Schröder (2014, p. 116), que recorre a Jakel (2003), para propor nove características de recursos metafóricos:

- Ubiquidade: A metáfora não é uma exceção da criatividade poética ou da retórica;
- Domínio: Metáforas não podem ser vistas isoladamente, mas conceitualmente. Tais conceitos interligam dois domínios (fonte e alvo) via mapeamento;
- Modelo: Metáforas conceptuais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento. Elas radicam-se em experiência corporal (realismo corporificado);
- Diacronia: Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceptuais revelam mudanças de pensamento;
- Unidirecionalidade: A relação entre o domínio-fonte e o domínio-alvo não é reversível;
- Invariância: Os esquemas que são transferidos a um novo domínio não são modificados;
- Necessidade: A metáfora tem três funções básicas: ela serve para a explicação, compreensão e exploração do mundo social;

- Criatividade: A metáfora é aberta para inúmeros novos caminhos de pensamento;
- Focalização: A descrição da metáfora é parcial. Ela destaca certos aspectos do domínio-alvo e esconde outros.

Diante desses tópicos, fica evidente que a metáfora é um processo ligado ao cognitivo, ao representar o pensamento do falante e estabelecer uma conexão entre domínios distintos, a partir de expressões linguísticas metafóricas. Esse fato reforça a ideia de que a metáfora não está restrita apenas ao nível poético e retórico, mas sim, presente no uso cotidiano da linguagem.

A estrutura metafórica está pautada em um mapeamento, que interliga dois domínios conceptuais: domínio **fonte** e domínio **alvo**. O primeiro está relacionado à experienciação, é de natureza concreta. O último, por sua vez, é de caráter abstrato. Esses dois domínios se inter cruzam nas experiências e interações humanas. Leal (2011) cita Kovecses (2010) para enunciar que as metáforas, comumente, utilizam-se de conceitos mais abstratos no domínio-fonte, enquanto no domínio-alvo são utilizados conceitos físicos e concretos. A autora destaca que o processo de unidirecionalidade da metáfora consiste em que os domínios fonte e alvo não são reversíveis.

Diferentemente da metáfora, o processo por metonímia é caracterizado por usar uma entidade para representar outra, numa relação de contiguidade. Lakoff e Johnson (2002, p. 93), ao retratarem esse tema, enfatizam:

[...] metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. No caso da metonímia PARTE PELO TODO, por exemplo, há muitas partes que podem *representar* o todo. A parte selecionada determina que aspectos do todo estamos enfatizando. Quando dizemos que precisamos de boas cabeças no projeto, estamos usando “boas cabeças” para nos referirmos a “pessoas inteligentes”. Mas não é só usar a parte (cabeça) para representar o todo (pessoa), porém selecionar uma característica particular da pessoa, ou seja, a inteligência, que é associada à cabeça.

Dito isso, os autores demonstram que o processo metonímico está na base do pensamento e na maneira de agir, ao mostrar a troca do produtor pelo produto, ou em outra perspectiva, da parte pelo todo.

Ferrari (2011) conceitua metonímia como deslocamento de significado, processo pelo qual uma palavra comumente é utilizada para se referir à determinada pessoa ou entidade e passa a designar uma entidade contígua. Além disso, a teórica retrata que a contiguidade é constituída por associação na experiência humana.

A metonímia tem grande relevância no processo de categorização porque está presente na cognição humana e nos raciocínios para os mais diversos propósitos, a exemplo dos

contextos em que um item pode representar metonimicamente uma categoria, inferindo situações cotidianas como julgamentos, pensamentos, planos, etc.

A metonímia e a metáfora se diferenciam nos seguintes aspectos: o primeiro caso está relacionado a um elemento que é usado para se referir a outro. No último caso, é um modo de conceituar uma coisa em termos de outra. Portanto, são processos de natureza distinta, uma vez que a metonímia tem uma função referencial e a metáfora tem como principal característica a compreensão de uma comparação implícita.

É importante ressaltar que esses dois recursos cognitivos convergem no sentido de que não se restringem a recursos poéticos, retóricos e questões de linguagens, mas estão presentes no modo como falamos, agimos e expressamos os nossos pensamentos em situações cotidianas. Por essa razão, esses processos auxiliam na compreensão de mudança de significado de alguns elementos da língua, referindo, aqui, especificamente, a mudança semântica dos conectores temporais *enquanto* e *enquanto*, que são analisados a partir do comportamento de variação de sentido.

Nesse ponto de vista, no tópico que se segue, faremos considerações sobre o processo de gramaticalização, princípio que analisa mudanças na trajetória funcional de itens e construções linguísticas.

2.7 A noção de gramaticalização

No processo de mudança linguística, a gramaticalização é considerada a mais recorrente nos estudos da linguagem, já que é um fenômeno associado à regularização do uso da língua. Partindo desse pressuposto, o referido fenômeno diz respeito à mudança de itens lexicais para o desempenho de funções gramaticais e, nesse processo, também, itens já considerados gramaticais podem passar a ter funções ainda mais gramaticais.

Esse procedimento não ocorre de forma abrupta, mas sim paulatinamente, ou seja, palavras não se recategorizam repentinamente, pois essa mudança linguística ocorre na rotinização do uso, tornando a expressão/palavra gramaticalizada. Assim, compreende-se por gramaticalização:

um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (CAZÁRIO, MARTELOTTA & VOTRE, 1996. p. 24)

Por esse ângulo, comprova-se que as formas gramaticalizadas passam por mudanças no campo semântico e sintático, recebendo novas funções que se tornam recorrentes. Ainda convém lembrar que os autores citados entendem a gramaticalização como um processo unidirecional, isto é, um *continuum*, pois levam em consideração que o léxico passa a ter funções gramaticais e essa mudança não ocorre a partir de formas gramaticais para menos gramaticais.

O sistema linguístico está mudando constantemente, uma vez que surgem novas funções para formas já existentes e novas formas para funções já usuais. Essas mudanças fazem com que a gramática esteja em constante renovação. Gonçalves *et al.* (2007, p. 15), ao recorrerem a Hopper (1987), explicitam a noção de gramática emergente, ao ressaltarem “[...] uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”. As categorias linguísticas, nesse entendimento, não são fixas, pois se revestem de novas funções conforme as necessidades comunicativas dos falantes.

Entende-se, nessa concepção, que a gramática perpassa por uma dinâmica de renovação, apresentando uma certa instabilidade da estrutura linguística, já que não se pode afirmar que a gramática de uma língua natural está completa, mas que há regularidades advindas de pressões de uso.

Consoante Furtado da Cunha (2015, p.48), o processo de gramaticalização privilegia a trajetória dos itens linguísticos para a gramática e o percurso de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais. A autora ainda acrescenta que o termo **gramaticalização** possui dois sentidos: o *stricto sensu* e o *lato sensu*, ao afirmar que

[...] a gramaticalização *stricto sensu* se ocupa da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação de ordem vocabular. (Furtado Da Cunha, 2015, p. 45)

Na visão de Hopper (1987), para que um item se gramaticalize, o processo passa por cinco princípios que indicam o seu estágio: estratificação; divergência; especialização; persistência e descategorização.

No estágio de **estratificação**, surgem novas formas/funções que passam a concorrer com as já existentes, mas isso não significa dizer que uma deixe de existir. Nesse princípio, as duas (ou mais) estruturas linguísticas coexistem e exercem funções similares. Um termo, nesse

estágio, pode exercer vários usos em um domínio funcional, a exemplo de tempo, aspecto e referência.

Um exemplo concreto de mudança linguística por estratificação é a possibilidade diversificada de construções contrastivas – de conectores como *mas*, *porém*, *todavia* – analisadas por Silva (2005). O autor constata que o valor de adversidade é predominantemente introduzido pelo conector *mas* em comparação aos outros conectivos, como também destaca que esse item exerce função para além da adversidade, identificando usos em contextos de concessão, o que demonstra que há diversas funções para um mesmo conector, embora seu sentido original seja preservado no repertório linguístico dos falantes, portanto, coexistindo com outros.

Diferentemente da estratificação, a **divergência** refere-se a um processo de gramaticalização de uma forma lexical – clítico, afixo – para uma forma gramatical autônoma, mantendo ambas as formas autonomia que pode levar a mudanças funcionais da forma derivada, enquanto a forma primitiva cumpre seu caminho, típico da classe a que pertence originalmente. Assim, a divergência se justifica pelo fato de que formas morfológicas e etimologicamente semelhantes possuem funções divergentes.

Por esse princípio, podemos referenciar o item *gente*, que funciona como substantivo coletivo – povo – e função pronominal, que compete com o *nós*, funções essas que originaram a interjeição *gente!*, com o sentido de “acalmem-se”. Nesta situação, o uso desse item se enquadra na classe das interjeições, e não mais substantivo e/ou pronome, passando, assim, de uma forma plena (substantivo) a uma restrita (interjeição). Para exemplificar esse processo, Caetano (2011, p. 75) salienta: “Mais correto é afirmar-se que *gente!* (interjeição) e *a gente* (competindo com o pronome nós), vieram, por divergência, do item semântico *gente* (substantivo coletivo)”.

Quando ocorre a **especialização** de um item, este passa a ter o seu uso obrigatório, ou seja, o falante utiliza as estruturas linguísticas ao seu favor, resultando na obrigatoriedade de determinada forma que cumpra, assertivamente, os seus propósitos comunicativos. Caetano (2011) exemplifica esse estágio referenciando o verbo “haver” com significado de “ter”, ou seja, um verbo pleno, passando, no português brasileiro, a funcionar como auxiliar (copulativo) ou forma impessoal, para indicar tempo. Desse modo, a gramaticalização desse verbo tornou-se mais restrita ao uso (semântico e funcional), sendo uma forma especializada.

O estágio da **persistência** concerne a formas gramaticalizadas que apresentam a manutenção de características morfossintáticas de sua estrutura original. Tavares (2003) retrata

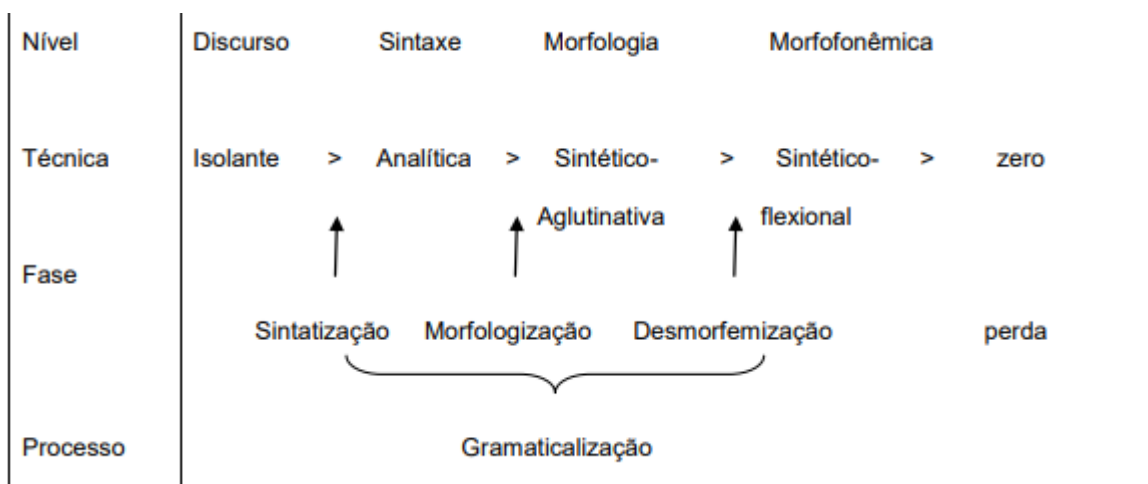
que nesse estágio subentende-se que uma forma seja polissêmica, que em seus traços permanecem características de significados anteriores.

No último estágio, denominado de **descategorização**, ocorre o apagamento dos traços morfológicos e sintáticos de itens lexicais, que passam a exercer apenas as funções gramaticais. Nesse caso, os termos gramaticalizados perdem, por completo, o traço original e adquirem uma nova função/sentido, a exemplo da expressão “em boa hora” que, inicialmente, expressa tempo, evoluindo para a forma gramaticalizada para “embora”, com sentido de concessão.

Diante disso, a mudança linguística ocorre em estágios de gramaticalização, de maneira gradativa. Essa mudança, consoante Araújo (2013, p. 43), apoiada em Hopper e Traugott (2003), ocorre percorrendo *clines*, que “representam um caminho natural ao longo do qual as formas ou palavras mudam com o tempo”. Logo, os itens que estão passando pelo processo de gramaticalização vão se recategorizando paulatinamente e, enquanto tendem a se afastar de suas características prototípicas, se aproximam de outras.

Além desses estágios formulados por Hopper (1987), que indicam o processo de gramaticalização, há os estágios de mudança linguística. Gonçalves *et al.* (2007) reportam-se a Lehmann (1985) para esclarecer que a gramaticalização percorre três momentos: sintatização, morfologização e desmorfemização. Os autores extraíram um esquema baseado em Lehmann para demonstrar esse processo:

Figura 1: Processo de gramaticalização para Lehman | Processo de gramaticalização para Lehmann



Fonte: Extraída de Lehmann (1985) por Gonçalves *et al.* (2007, p. 31)

Esse esquema demonstra sistematicamente como ocorre a gramaticalização em fases. A **sintatização** concerne ao momento em que um item e/ou estrutura linguística que estão

frequentemente no discurso começam a adquirir atributos que os distanciam de sua classe gramatical de origem, resultando em uma recategorização.

O estágio de **morfologização** refere-se ao surgimento de afixos flexionais ou afixos derivacionais. Nesse processo, pode acontecer a mudança de uma forma da sintaxe para a morfologia ou de uma estrutura fonológica para uma morfológica.

O processo de **desmorfemização** pode levar um morfema ao desaparecimento total de uma estrutura em razão de a função de um item ser assumida por outro elemento ao qual ele co-ocorre ou coexiste. Coelho (2011, p. 65) traduz as considerações que Lehmann (1982) faz a respeito do itinerário de gramaticalização:

Nós assumimos que a gramaticalização começa de uma colocação livre de lexemas isolados no discurso. Esta é convertida em uma construção sintática pela sintatização, pela qual alguns dos lexemas assumem função gramatical, de modo que a construção pode ser chamada analítica. A morfologização, que aqui significa o mesmo que aglutinação, reduz a construção analítica a uma sintética de modo que os constituintes gramaticais se tornem de aglutinados aflexionais. Esta transição da morfologia para a morfofonêmica será aqui chamada de desmorfemização. Givón a chama de lexicalização, e este é o quarto sentido em que o termo aparece na literatura. (...) Nós passamos por cima da fase final, naquela expressão e o conteúdo da categoria gramatical se tornam zero.

É importante destacar que o teórico ressalta que os itens, em processo de mudança linguística, não necessariamente vão passar por todos esses estágios de gramaticalização, uma vez que a passagem – rigorosamente – por todas essas fases é incomum de ocorrer na língua. Ainda sob esse aspecto, o autor afirma que os itens do discurso, quando estão em percurso de gramaticalização, passam, em primeiro momento, pelo âmbito da sintaxe, ao constituir estruturas analíticas.

Nessa direção, na perspectiva da morfologia, as construções analíticas se configuram como sintéticas a partir da aglutinação de formas, que, por sua vez, resultam em construções flexionais (no campo da morfofonêmica) até chegar à última fase, nomeada de estágio zero. Esse procedimento dos estágios de gramaticalização pode ser representado no seguinte movimento: DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO.

No que concerne ao processo de gramaticalização, Castilho (2019, p. 156) acrescenta informações sobre o tratamento do pronome *você* no português brasileiro. No aspecto de fonologização, evidencia que a expressão *Vossa Mercê* se alterou para *Vosmecê*, *você*, *ocê*, *cê* e cita como exemplo *cê vai na festa?*. Sobre a morfologização, retrata que houve alteração de classe, migrando de palavra composta para simples e, atualmente, se configura no percurso substantivo > pronome > afixo. Por fim, na fase de sintaticização, houve apagamento do

especificador *vossa* e o núcleo nominal *mercê*, no sintagma nominal *Vossa Mercê*, resultando no clítico *cê*.

A partir da compreensão do princípio da gramaticalização, é possível entender as motivações pelas quais os termos passam por mudança linguística no decorrer do tempo. Referindo-nos, especificamente, sobre o nosso objeto de estudo (as conjunções subordinativas *enquanto* e *quando*), entendemos que esses itens passam por flutuação semântica, desempenhando papéis inovadores na construção oracional. Por isso, no próximo capítulo, tratamos a respeito do processo de encadeamento oracional e sobre esses conectores em questão.

3 CAPÍTULO II: ENCANDEAMENTO ORACIONAL: CONCEPÇÕES TRADICIONAL E FUNCIONALISTA

Neves (2011), ao tratar de itens que conectam elementos no enunciado, faz menção às preposições, aos advérbios e às conjunções, já que essas classes apresentam propriedades semelhantes, a exemplo da invariabilidade morfológica e de atuarem na conexão oracional.

A partir desse pressuposto, nesta seção, tecemos considerações a respeito dos processos de encadeamento e organização de orações. Para isso, contemplamos informações sobre os processos sintáticos na perspectiva normativa, como também, na concepção funcionalista para, posteriormente, tratar das orações adverbiais introduzidas pelos itens *enquanto* e *quando*, na visão funcional, isto é, as orações adverbiais temporais.

Na concepção tradicional, o processo de articulação oracional é subdividido em coordenação e subordinação, conseqüentemente, chega-se à tipologia *orações coordenadas* e *orações subordinadas*. No primeiro processo, as orações são tidas como independentes sintaticamente, enquanto no último, há uma relação de dependência na relação entre uma oração principal e outra(s) subordinada(s), estando interligadas para estabelecer sentido completo.

Na gramática de Ferreira (2012), assim como as demais gramáticas de cunho normativo Cunha & Cintra (2017), Rocha Lima (2001) e Sacconi (1994), as orações coordenadas são classificadas em assindéticas (cujo conectivo não vem expresso; em seu lugar aparece vírgula, ponto-e-vírgula e dois-pontos) e orações coordenadas sindéticas (introduzida por um conectivo). No que se refere ao período composto por subordinação, a mesma gramática segue o modelo dos compêndios tradicionais, ao dividir esse processo em orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Bechara (2009), por sua vez, ao tratar sobre o processo sintático de articulação das orações, desenvolve explicações mais complexas, levando em consideração o grau de dependência e independência da estrutura oracional e lançando mão de novos termos para se referir às relações sintáticas. Para o gramático, a coordenação ou parataxe é um processo de ligação oracional de mesma camada gramatical, visto que são orações sintaticamente independentes que se unem para constituir o todo, apesar de que cada oração pode ser construída separadamente.

Diferentemente desse grupo oracional, a subordinação ou hipotaxe está ligada ao fato de que são dependentes hierarquicamente, uma vez que uma oração passa a ter a função de um termo sintático de outra, a partir de transpositores, “unidades transpostas exercem a função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas de oração complexa”. (BECHARA, 2009, p. 462-463)

No quadro a seguir, selecionamos conceitos sobre o encadeamento de orações no âmbito da tradição:

Quadro 1: Coordenação e subordinação na gramática tradicional

Gramático	Articulação oracional: Coordenação	Articulação oracional: subordinação
Sacconi (1994, p.324-332)	Coordenação é o relacionamento de termos de mesma função sintática dentro da oração, ou de orações de funções equivalentes dentro de um período.	Subordinação ou hipotaxe é o relacionamento de termos dependentes e também de orações dependentes dentro de um período.
Rocha Lima (2011, p. 321-323)	A comunicação de um pensamento em sua integridade, pela sucessão de orações gramaticalmente independentes — eis o que constitui o período composto por coordenação.	No período composto por subordinação, há uma oração principal, que traz presa a si, como dependente, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.
Cunha & Cintra (2017, p. 610-612)	As orações coordenadas podem estar: simplesmente justapostas, isto é, colocadas uma ao lado da outra, sem qualquer conectivo que as enlace, [...] ligadas por uma conjunção coordenativa.	[...] as orações subordinadas funcionam sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração.

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao estruturar esse quadro, não pretendemos apresentar uma análise exaustiva dessas definições, apenas ilustrar a abordagem do período composto na perspectiva tradicional, a partir de uma amostra dos conceitos apresentados pelos gramáticos referidos.

Diante dessas definições, podemos identificar algumas características que diferenciam a coordenação da subordinação. O primeiro processo é atrelado ao encadeamento de ideias em que há o paralelismo linguístico de funções idênticas, o que reforça o fato de que os elementos coordenados são pertencentes à mesma categoria e função. Devido a isso, as estruturas coordenadas têm a mesma estrutura sintática, são independentes do ponto de vista sintático.

Quando se trata do processo de subordinação, a hierarquia é uma característica predominante, uma vez que há uma relação de constituinte entre uma oração e outra. Isso significa dizer que as orações subordinadas exercem a função sintática de outra oração, chamada de principal, a exemplo das substantivas que podem funcionar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal e aposto sem deixarem de assumir seu papel oracional.

Como visto, na perspectiva da tradição gramatical, a coordenação e a subordinação são tratadas como processos dicotômicos de dependência e independência, limitando a articulação oracional a esses dois mecanismos, sem levar em consideração outros fatores que as caracterizam, como por exemplo, o grau de encaixamento de cada oração⁶.

Na perspectiva funcionalista, o processo de encadeamento oracional não é restrito à dicotomia coordenação/subordinação, tendo em vista que essa corrente linguística busca ampliar os conceitos elaborados pela tradição, não restringindo a articulação oracional à noção de (in)dependência, mas também considerando fatores de ordem discursiva e pragmática. Nesse entendimento, Hopper e Traugott (1993) propõem a ideia de *continuum*, no qual se estabelecem relações de dependência e encaixamento, que perpassam a parataxe (-dependente e não encaixado), a hipotaxe (dependente e não encaixado) e a subordinação (+ dependente e encaixado).

Cavalcante (2020, p.76) recorre a Halliday (1985) para abordar a distinção entre os graus de interdependência/taxis e as relações lógico-semânticas entre orações. No primeiro caso, há o processo de parataxe – relação de mesmo nível entre os itens – e hipotaxe, chamada de relação dependente-dominante. Já no que concerne às relações lógico-semânticas, estas podem ser ampliadas por elaboração, realce e/ou projeção, conforme demonstra a figura a seguir:

⁶ O fato é que, embora essa descrição seja coerente para um grande número de orações e suas relações de dependência ou independência, outros processos podem ser apontados por não se encaixarem nessa dicotomia e demandarem uma reflexão mais ampliada. Seria, por exemplo, o caso das orações correlativas e também da justaposição oracional, que extrapola o âmbito da simples combinação assindética.

Figura 2: A frase subsistema de expansão

			Parataxe (ou: continuação) - As orações são elementos livres (cada uma é um todo funcional). - A segunda oração faz a expansão (ordem fixa).	Hipotaxe (ou: dominação) - Uma oração domina/modifica a outra (há dependência). - A oração dominante é livre, a dependente, não.
EIXO SEMÂNTICO-FUNCIONAL	Expansão	Elaboração =	- coordenadas assindéticas* - justapostas	- relativas explicativas
		Extensão +	- coordenadas sindéticas** (aditivas, alternativas, etc.)	- hipotáticas de adição
		Realce X	- falsas coordenadas*** (com matriz circunstancial: conclusivas, etc.)	- adverbiais
Projeção		-----		

Fonte: Extraído de Neves (2006, p. 232)

Esse quadro ilustra a relação de dependência e independência das orações. As estruturas paratáticas são -dependentes e -encaixadas; nesse grupo se enquadra o que tradicionalmente denominamos de orações coordenadas. Já as estruturas hipotáticas são interdependentes, ao passo que a oração dominante é -encaixada, participando desse grupo as orações adverbiais e as relativas explicativas. É válido ressaltar que as orações subordinadas prototípicas são as substantivas, pois funcionam como argumento da oração principal, portanto são +dependentes e +encaixadas.

Além do mais, nas cláusulas paratáticas e hipotáticas têm-se duas estruturas: i) as primárias – a oração dominante em uma cláusula de hipotaxe; e ii) as de segundo plano, isto é, as construções que ocorrem após as primárias em orações paratáticas, como também as estruturas dependentes em uma oração hipotática. No eixo semântico-funcional, integram-se frases complexas que contemplam relações de expansão e de projeção. Carvalho (2005, p. 13), a partir dos escritos de Halliday (1985), retrata que a expansão de uma cláusula primária por uma secundária ocorre em três aspectos: i) a elaboração, que diz respeito a uma oração formada por paráfrase e/ou justificativa; ii) extensão, quando uma oração secundária exprime um valor adicional, exceção ou alternativa; e iii) quando a sentença secundária expressa circunstância de

lugar, tempo, causa etc. A projeção de uma cláusula primária por uma secundária resulta em construções de significados e de palavras.

Essa gradiência da combinação oracional é retratada por Hopper e Traugott (2003), ao mencionarem que as orações são distribuídas em um *continuum* a partir do ponto de uma cláusula ter um maior grau de dependência, maior integração até o ponto de uma estrutura oracional ser dependente de outra, consoante representa a figura a seguir:

Figura 3: Combinação oracional em Hopper e Traugott

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Cavalcante (2020, p. 78)

Nesse esquema, o *continuum* é distribuído entre a parataxe, hipotaxe e subordinação, evidenciando o grau de dependência e encaixamento. A parataxe representa o maior grau de independência, enquanto a subordinação é mais dependente e a hipotaxe está presente nas duas categorias, uma vez que as orações desse tipo são mais dependentes do ponto de vista semântico e pragmático e não são encaixadas.

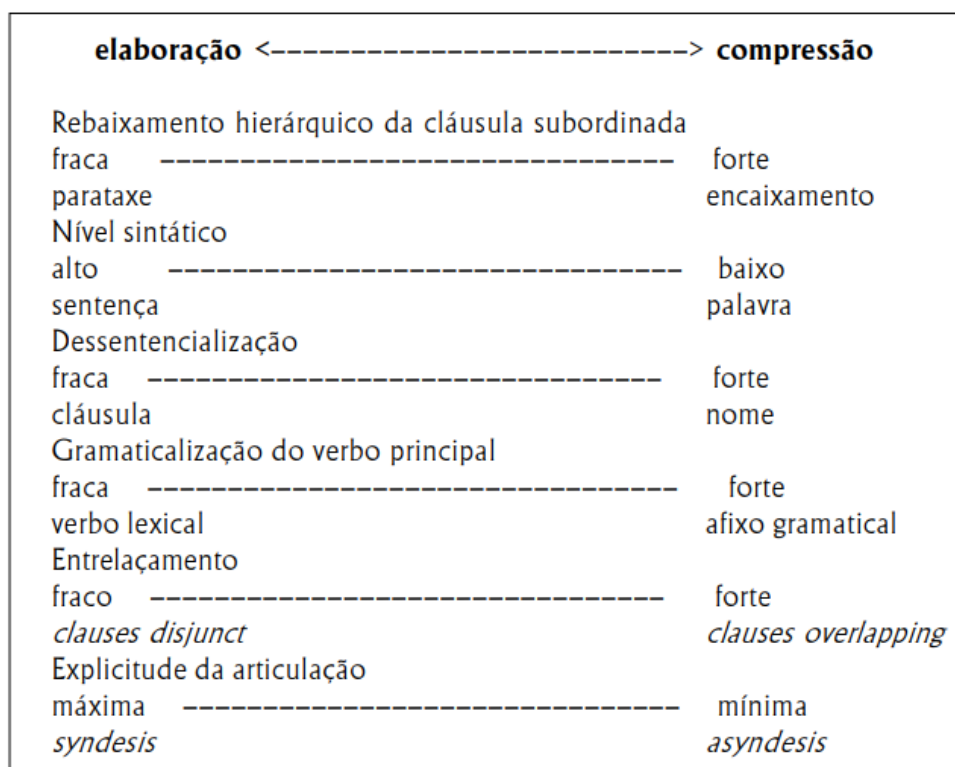
Ainda a respeito desse grau de encadeamento entre as cláusulas, Carvalho (2005, p. 9), recorre a Lehmann (1988) que postula seis parâmetros semântico-sintáticos que considera importante para o tratamento das frases complexas:

- rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada;
- nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula;
- dessentencialização da subordinada;
- gramaticalização do verbo principal;
- entrelaçamento das duas orações;
- explicitude da articulação.

O autor explica esses parâmetros como interligados e complementares. Os dois primeiros podem indicar autonomia ou integração da estrutura subordinada na principal. O segundo e terceiro indicam expansão ou redução da subordinada ou da principal. Por fim, os últimos parâmetros podem sinalizar encadeamento de cláusulas.

Esses aspectos são analisados a partir de um *continuum* que se amplia em um polo de máxima elaboração e outro de máxima compressão, consoante podemos visualizar na figura a seguir:

Figura 4: Representação do *continuum* de articulação de cláusulas



Fonte: Extraído de Lehmann (1988) por Carvalho (2005, p. 9)

A imagem apresenta um *continuum* que representa um tipo de cláusula. Nesse contexto, as cláusulas paratáticas estão sintaticamente no mesmo nível e interligadas por um conector; enquanto o lado extremo mostra sentenças com maior grau de encaixamento na cláusula principal, em um nível sintático menor e nominalizado.

Feitas essas considerações a respeito do encadeamento oracional, focalizamos, no próximo tópico, o período composto por subordinação.

3.1 Período composto por subordinação

Ao tratar do período composto por subordinação, as gramáticas tradicionais se valem do critério de dependência sintática. Isso significa afirmar que as estruturas subordinadas não apresentam papel homogêneo, mas são retratadas pelo contraste entre as orações coordenadas, que são classificadas como independentes. Além disso, são classificadas de acordo com o uso do conector presente na oração.

No quadro a seguir, podemos visualizar como são distribuídas as orações subordinadas, conforme a divisão feita pela tradição gramatical:

Quadro 2: Período composto por subordinação na tradição gramatical, segundo Ferreira (2008)

Tipos de orações subordinadas	Subclassificação
Substantivas	Objetiva direta Objetiva indireta Subjetiva Predicativa Completiva nominal Apositiva
Adjetivas	Restritiva Explicativa
Adverbiais	Causal Concessiva Condicional Conformativa Comparativa Consecutiva Final Proporcional Temporal

Fonte: elaborado pelo autor

O critério utilizado tradicionalmente na classificação das orações é o morfossintático. A gramática tradicional (GT) categoriza as orações substantivas assim porque elas exercem a função de substantivo. Da mesma forma ocorre com as orações adjetivas e adverbiais, que funcionam, na estrutura oracional, como adjetivos e como advérbios.

Nessa perspectiva, as orações adjetivas e as adverbiais exercem a função de complementos da oração principal, conforme exemplifica Sacconi (1994, p.335):

- (1) O jornal *que ainda ninguém leu*, está ali. – Adjetiva explicativa
- (2) Filipe julga que vale muito *porque é rico*. – Adverbial causal

Diferentemente desses dois tipos de oração, as substantivas são interligadas à oração subordinante para completar o sentido da sentença, ainda de acordo com Sacconi (1994, p.333):

- (3) Espero *que você aprenda português*. (Objeto direto oracional).

Nessa perspectiva, a subordinação é constituída, consoante Silva (2011), por dois critérios: i) estabelece hierarquia entre a oração principal e a oração subordinada e ii) estabelece função, uma vez que a oração subordinada desempenha uma função sintática (sujeito, predicado, adjunto adverbial etc.) em relação à oração - substantiva – ou a um termo de outra oração – adjetiva ou adverbial.

Portanto, as orações subordinadas acabam por ser classificadas conforme a função sintática do termo a que elas se referem. Isto é, se a oração funcionar como sujeito da oração principal, será denominada de *subjativa*.

Ainda sobre esse tópico, Azeredo (2014) complementa que a oração subordinada é um sintagma derivado que pode ocupar a posição de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio em outra oração – tradicionalmente denominada de principal. Além disso, o gramático acrescenta que o transpositor tem a função de atribuir a classificação por ele introduzida, a exemplo: a oração é designada de substantiva, se o transpositor é uma conjunção integrante; adjetiva, se o transpositor é um pronome relativo; e adverbial, se o transpositor é uma conjunção adverbial.

É importante destacar que, para esta pesquisa, interessam-nos, a princípio, as orações subordinadas adverbiais temporais, já que o ponto de partida para a análise proposta trata-se, especificamente, das estruturas introduzidas pelos itens *enquanto* e *quando*, cujo valor fonte nos usos da língua é de denotação temporal. No entanto, para introduzir o tema, no próximo tópico, tratamos sobre as orações adverbiais de modo panorâmico para, em seguida, lidarmos com os itens alvos do nosso interesse nesta pesquisa.

3.2 Orações adverbiais: concepção tradicional e funcionalista

Na tradição, as orações adverbiais são compreendidas como dependentes e indicam uma circunstância de um fato referido na oração principal. Para ilustrar essa concepção, nos remetemos a Sacconi (1994, p.336), um autor bastante presente nas listas de gramáticas adotadas em nossas escolas da educação básica, para quem orações adverbiais são “as que funcionam como adjunto adverbial da oração principal, sendo introduzidas por conjunção subordinativa”. Temos, portanto, uma definição que espelha objetivamente a abordagem que a GT dispensa ao tema.

No quadro a seguir, apresentamos, panoramicamente, os tipos de orações adverbiais:

Quadro 3: Classificação das orações adverbiais baseada em Sacconi (1994, p. 336-338)

Classificação das orações adverbiais	Sentido expresso pelas orações
Causais	Iniciadas principalmente por porque, já que e visto que , exprimem a causa do que se declara na oração principal.
Comparativas	Iniciadas principalmente por que, do que e como , representam o segundo termo de uma comparação.
Concessivas	Iniciadas principalmente por embora, se bem que e ainda que , exprimem um fato contrário ao da oração principal, mas não suficiente para anulá-lo.
Condicionais	Iniciadas principalmente por se, caso, contanto que e desde que , exprimem uma condição ou hipótese necessária para que se realize o fato expresso oração principal.
Conformativas	Iniciadas principalmente por conforme, como, segundo e consoante , expressam a conformidade de um pensamento com o outro, existente na oração principal.
Consecutivas	Iniciadas principalmente por que (depois de tão, tanto, tamanho, tal , etc.), traduzem a consequência ou o resultado do que se afirma na oração principal.
Temporais	Iniciadas principalmente por quando, enquanto e logo que , exprimem o tempo em que ocorre o fato expresso oração principal.
Finais	Iniciadas principalmente por para que e a fim de que , exprimem a finalidade daquilo se que afirma na oração principal.
Proporcionais	Iniciadas principalmente por à medida que e à proporção que , exprimem um fato simultâneo ao da oração principal.

Fonte: elaborado pelo autor

As orações adverbiais, como exposto acima, subdividem em nove tipos: causal, comparativa, concessiva, condicional, conformativa, consecutiva, temporal, final e proporcional. O que vai definir o tipo de oração será o conector. Tradicionalmente, se a oração adverbial for introduzida por *quando*, será categorizada como temporal, norteador-se apenas pelo conector que encabeçou a cláusula. Nessa abordagem tradicionalista, as estruturas linguísticas são estanques, rígidas, separando-se do contexto de produção discursiva.

Bechara (2009, p. 471) afirma que as orações de base adverbial de dividem em dois grupos: as subordinadas propriamente ditam e as subordinadas comparativas e consecutivas:

As subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem a função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem noção de *tempo*, *lugar*, *modo* (substituíveis por advérbio), *causa*, *concessão*, *condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por um substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições).

No que diz respeito às subordinadas comparativas e consecutivas, o gramático esclarece que esse segundo grupo tem similitude com as adjetivas, uma vez que dependem de um antecedente de carácter quantificador ou de unidade quantificadora (adjetivo ou advérbio), estabelecendo relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente.

No que concerne à proposta funcionalista, as cláusulas adverbiais são consideradas como hipotáticas, nos termos de Hopper e Traugott (1993), uma vez que a dicotomia coordenação/subordinação é insuficiente para contemplar o encadeamento oracional em sua completude. Isso porque é de suma importância analisar não apenas a forma, mas também a maneira como as cláusulas se combinam na estrutura do período, assim como a função que elas desempenham no discurso.

Castilho (2019), ao tratar sobre o estatuto da subordinação, ressalta que as orações adverbiais apresentam um encadeamento mais fraco, quando comparada às orações substantivas e adjetivas. Devido a isso, as cláusulas adverbiais estão mais suscetíveis às necessidades do discurso. A esse respeito, Castilho (2019, p. 373) recorre a Neves, Braga e Hattner (2008) para esclarecer:

O melhor critério para analisar as subordinadas adverbiais considera, por um lado, o grau de interdependência com a sentença nuclear a que se vinculam, e, por outro, o tipo de relação lógico-semântica que expressam, constituindo um tipo distinto, tanto das subordinadas propriamente ditas (as tradicionalmente chamadas completivas e adjetivas restritivas), que se caracterizam pelos traços /+encaixamento/ e /+dependência/, quanto das coordenadas, que se caracterizam pelos traços /-encaixamento/ e /- dependência/. Elas se deixam identificar pelos traços /-encaixamento/ e /+dependência/ e são rotuladas de hipotáticas.

Essa visão se distancia da abordada por Bechara (2009), já que este gramático trata as estruturas subordinadas e hipotáticas como sinônimas. A hipotaxe adverbial é -encaixada, o que possibilita a posição em diferentes pontos na sentença, diferentemente das orações substantivas

e adjetiva restritiva – que seriam, na perspectiva funcional, orações subordinadas propriamente ditas.

Nesse contexto, a relação proposicional auxilia no entendimento do sentido que emerge da ligação da cláusula como independente do conector que a introduz, ou seja, o conector não é o principal elemento que vai determinar o valor semântico da cláusula adverbial, mas sim a relação semântico-discursiva que se estabelece entre uma oração e outra. A esse respeito Rodrigues e Fonseca (2019, p. 150) afirmam que “[..]a noção de relação proposicional permite ainda que se possa atribuir sentido a uma cláusula desvinculada sintaticamente de outra, podendo ser uma estratégia de foco, de realce por parte do usuário da língua”. Na proposta funcionalista, consoante Halliday (1985), as cláusulas hipotáticas de realce são capazes de ampliar a informação presente em uma outra oração, acrescentando circunstância de tempo, modo, lugar etc.

Ademais, no funcionalismo linguístico, é evidenciada a concepção de contínuo de integração, pois, nessa perspectiva, não se leva em consideração a dicotomia coordenação/subordinação, como evidenciado anteriormente, mas sim a relação entre sintagmas (como graduais) que perpassa desde a não-dependência até o nível máximo de integração.

Dessa forma, ao analisar a combinação entre as cláusulas adverbiais, é importante levar em consideração os níveis que ultrapassam a estrutura sentencial. Isso significa dizer que é necessário, além do grau de integração entre uma oração e outra, observar como essa relação entre cláusulas se estabelece a partir da organização discursiva proposta pelos falantes na produção dos enunciados.

Após tratarmos sumariamente sobre as orações adverbiais na visão da gramática tradicional e na funcionalista, na próxima seção, lidamos, especificamente, com as cláusulas adverbiais de tempo, já que elas mantêm uma conexão mais direta com o objeto de análise deste estudo.

3.3 As cláusulas temporais

As cláusulas adverbiais temporais são introduzidas por conjunções subordinativas que têm a função de unir duas orações e estabelecer relação de sentido entre a principal e a subordinada. No quadro a seguir, apresentamos, através de consulta em algumas gramáticas, as principais conjunções e/ou locuções conjuntivas que expressam temporalidade.

Quadro 1: Conjunções ou locuções conjuntivas temporais presentes em gramáticas

Gramáticos	Principais conjunções/locuções conjuntivas
Bechara (2009)	Antes que, primeiro que, logo que, tanto que, quando, enquanto, etc.
Sacconi (1994)	Quando, enquanto, logo que, etc.
Cipro Neto (2003)	Quando, enquanto, logo que, sempre que, antes que, depois que, etc.
Cordeiro e Coimbra (2009)	Quando, assim que, depois que, enquanto, mal, etc.
Neves (2011)	Quando, enquanto, mal, apenas, antes que até que, etc.
Azeredo (2014)	Quando, enquanto, apenas, antes que, até que, etc.
Castilho (2019)	Quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, à medida que, antes, depois que, etc.

Fonte: elaborado pelo autor

Ao observar o quadro, notamos que as conjunções *enquanto* e *quando* estão presentes nas gramáticas que foram consultadas. Isso significa dizer que esses conectores reúnem características para que, numa perspectiva funcional, venham potencialmente a ser identificados como o protótipo de indicadores de tempo (conjunções subordinativas temporais).

As gramáticas que seguem o viés tradicionalista, a exemplo de Cipro Neto (2003), Cordeiro (2009) e Sacconi (1994) abordam esses itens apenas como referências de tempo (*quando*) e tempo concomitante (*enquanto*), generalizando-as como conjunções temporais que exprimem o tempo em que ocorre o fato expresso na oração principal. Bechara (2009), apesar de, em certos posicionamentos favorecer indícios de que atue como um gramático tradicional, amplia o sentido do *quando* para três nuances, nas quais o item indica: i) tempo posterior; ii) tempo posterior imediato e iii) tempo frequentativo (repetido). No entanto, em relação ao item *enquanto*, assim como nas outras gramáticas de base tradicional, é classificado apenas como indicativo de tempo simultâneo.

Ainda sobre esse tema, Azeredo (2014) afirma que *quando* é a conjunção temporal padrão, que pode exprimir uma variedade de valores que, quando necessário, são especificados por outras conjunções: *Quando (=sempre que) chovia, as aulas tinham que ser suspensas e Só saímos do cinema quando (=depois que) o temporal passou* (Azeredo, 2014, p. 331).

Além disso, ao tratar sobre o tempo concomitante, o gramático informa que o *quando* pode ser substituído por *enquanto* e que nesse contexto de simultaneidade, a relação temporal se torna secundária (ou até mesmo se esvazia), dando ênfase ao caráter contrastivo. Para

representar essa concepção, o autor exemplifica através dos seguintes excertos: *Eu digo que muito veículo parece estar conduzindo passageiros apanhados ao acaso, quando na verdade estão levando verdadeiras combinações de passageiros e Enquanto a Espanha dobra a população com o ingresso de turistas nas temporadas (...), o Brasil recebeu apenas 2,3 milhões de estrangeiros em todo o ano de 96* (AZEREDO, 2014, p. 331).

Já Neves (2011), no capítulo em que retrata as conjunções subordinativas adverbiais, destina um tópico para discutir a correlação de tempos verbais nas construções de tempo dos conectores *enquanto* e *quando*. Antes disso, a autora relata, de modo geral, a respeito das construções temporais com a conjunção *quando*, que podem ser: i) posposta, sem pausa: *Sempre aproveito para dormir QUANDO me obrigam a fazer alguma coisa que não quero*; ii) anteposta, sem pausa: *E QUANDO se chega ao amor eu acho que a técnica não tem a menor importância*; iii) posposta, com pausa: *Segundo os órgãos de segurança, Paiva foi sequestrado no Alto da Boa Vista, QUANDO era transportado [...]* e iv) anteposta, com pausa: *QUANDO o resultado esperado não vem, refazem-se os tiros, varia-se a técnica [...]*. Sobre o *enquanto*, a teórica categoriza nas outras conjunções que também expressam relação temporal, exemplo: *ENQUANTO vês os exércitos e os seus chefes, [...] esqueces o indivíduo*. (Neves, 2011, p. 788).

Sobre a correlação dos tempos verbais nas construções temporais introduzidas por *quando*, Neves (2011) afirma que as cláusulas mais encontradas são como verbos no modo indicativo, conforme o quadro a seguir:

Quadro 5: Correlação de tempos verbais de orações com *quando*

Tempo: oração principal (P) e oração temporal (T)	Ocorrências
P: Presente T: Presente	Quando não há vítimas, a RP não atende . Eles recuperam a saúde quando voltam à terra.
P: Pretérito perfeito T: Pretérito perfeito	Ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Não prestou atenção quando combinamos .
P: Pretérito imperfeito T: Pretérito imperfeito	Quando nascia um filho, o sacerdote examinava o livro do destino. Quando voltava , ou eu ou a gravadora desanimava .
P: Pretérito perfeito T: Pretérito imperfeito	Passamos por lá quando vínhamos . Recebi uma instrução de que a novela teria noventa capítulos, quando estava escrevendo o capítulo trinta e cinco.
P: Pretérito imperfeito T: Pretérito perfeito	Os olhos de Ângela já marejavam quando conseguiu responder.
P: Pretérito perfeito T: Pretérito-mais-que-perfeito	Quando o carro da polícia já desaparecera na direção do Palácio do Catete (...) Nando (...) se desgrudou do seu vão sombrio de porta e já foi andando rápido, rumo ao hotel.

Fonte: Baseado em Neves (2011, p. 790-791)

Como demonstra o quadro, a correlação dos tempos verbais influencia o sentido expresso pelo conector *quando*. O **presente** com **presente** favorece uma interpretação de condição, ao passo que apresenta estados de coisas simultâneas, indicativo de habitualidade. De modo diferente, a correlação entre **pretérito perfeito** e **pretérito perfeito** apresenta caráter perfectivo, com dois eventos ocorrendo como pontuais e concomitante. Essa relação possibilita uma interpretação de causa.

Quando se trata da correlação entre o **pretérito imperfeito** com o **pretérito imperfeito**, a estrutura linguística apresenta uma concepção imperfectiva dos estados de coisas simultâneas. A oração principal, nesse contexto, pode influenciar que o estado de coisas – da oração principal – seja visto como não contínuo, favorecendo uma interpretação de condição.

A correspondência entre o **pretérito perfeito** e o **pretérito imperfeito**, devido aos extremos “perfeito e imperfeito”, pode favorecer a concomitância parcial, isto é, pode haver um período de tempo que anteceda e outro que suceda o ponto representado pelo pretérito perfeito. A correlação do **pretérito mais-que-perfeito** e **pretérito perfeito** indica subsequência do estado de coisas presente na oração principal.

No que concerne ao item *enquanto*, Neves (2011) identificou a correlação dos verbos no modo indicativo na oração temporal, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 6: Correlação de tempos verbais de orações com *enquanto*

Tempo: principal (P) e temporal (T)	Ocorrências
P: Presente indicativo T: Presente indicativo	Enquanto espera , o senhor sofre .
P: Pretérito imperfeito indicativo T: Pretérito imperfeito indicativo	Ainda pensava em muitas outras coisas enquanto ela não vinha .
P: Futuro presente do indicativo T: Futuro presente indicativo	Na rodada final do torneio estarão se defrontando Canadá e Estados Unidos [...], enquanto o Japão enfrentará a França.
P: Presente imperativo T: Presente indicativo	Bata no que é seu, enquanto é seu.
P: Pretérito perfeito indicativo T: Pretérito perfeito indicativo	É a melhor da minha vida. Enquanto me resistiu e continuou com o Falua me conformei .
P: Pretérito perfeito indicativo T: Pretérito imperfeito indicativo	Carlos se curvou sobre a irmã, enquanto Dona Leonor se postava a meu lado com uma sentinela.
P: Pretérito imperfeito indicativo T: Pretérito mais-que-perfeito indicativo	E enquanto ele ali se deixara ficar inerte, de braços caídos e o corcunda, que se erguera, dava-lhe pontapés nas canelas, [...].
P: Pretérito mais-que-perfeito indicativo T: Pretérito mais-que-perfeito indicativo	Escondera-os , enquanto pudera .

Fonte: Baseado em Neves (2011, p. 792-793)

A partir desse quadro, a teórica retrata que as formas **presente + presente** e **pretérito imperfeito + pretérito imperfeito** promovem a coextensão temporal dos dois estados de coisas. Nesse contexto, o conector *enquanto* significa “durante o tempo em que”. Já a correlação verbal de duas formas perfectivas – **pretérito perfeito + pretérito perfeito** - também pode indicar coextensão de tempo, no entanto, como representado no quadro, a oração principal apresenta caráter negativo e a oração temporal expressa sentido de “ponto final” ou “limite máximo”.

Quando a correspondência da forma pretérito perfeito ou mais-que-perfeito (na oração principal) com pretérito imperfeito, isso favorece a simultaneidade dos eventos, sem existir, necessariamente, coextensão temporal entre eles.

Além desses casos presentes no quadro, Neves (2011) indica que a simultaneidade expressa pelo conector *enquanto* pode favorecer a minimização, ou até mesmo anulação, da relação temporal, favorecendo valor semântico de contraste, a exemplo de: ***Enquanto** uma lê a*

Bíblia e se preocupa com o espírito, a outra admira a força física, o vigor corporal, faz desportos (NEVES, 2011, p. 800).

Das gramáticas aqui consultadas, a de Neves (2011) foi a que mais ampliou os estudos sobre os conectivos temporais, sobretudo a respeito do *enquanto* e do *quando*, em comparação as outras gramáticas que retrataram, predominante e restritivamente, as funções prototípicas desses itens. A autora informa que esses itens, além de indicar tempo, podem estabelecer relação semântica de contraste, condicionalidade, causalidade, por exemplo.

Na próxima seção, discutimos o tratamento direcionado às cláusulas adverbiais de tempo, encabeçadas por *enquanto* e *quando*, em pesquisas linguísticas voltadas para o uso.

3.4 Estudo do conectivo *enquanto* voltado para o uso

Sob uma abordagem funcionalista, entende-se que a conjunção *enquanto*, em contextos específicos, introduz orações com valor semântico de contraste, o que evidencia a fluidez categorial, considerando que os itens linguísticos não se encaixam em classes estanques, tampouco podem ser rotulados como membros exclusivos de categorias isoladas. Isso ocorre, segundo Neves (2011, p. 800), porque a simultaneidade (sentido prototípico) pode favorecer a minimização ou anulação do tempo, passando a indicar ideia de contrariedade ou cotejo.

Para tratar da reanálise do item *enquanto*, Longhin (2016), referindo-se a Maurer (1959) e Câmara (1975), informa que a conexão oracional de adversidade tem raízes no latim, uma vez que o advérbio *magis*, expressa circunstância comparativa, mas passa a estabelecer função de contraste. Dessa forma, o item, através do processo de mudança linguística, torna-se o *mas*, conjunção prototípica de adversidade. Assim, a autora esclarece:

[...] os juntores contrastivos (porém, no entanto, entretanto, contudo, todavia, só que, agora, já, ao passo que) são criações vernáculas mais e menos recentes, provenientes da reanálise de material da própria língua, via processos de mudança por gramaticalização, que afetam a categoria e os significados, ou via processos de mudança semântica, que afetam somente os significados. (LONGHIN, 2016, p. 265)

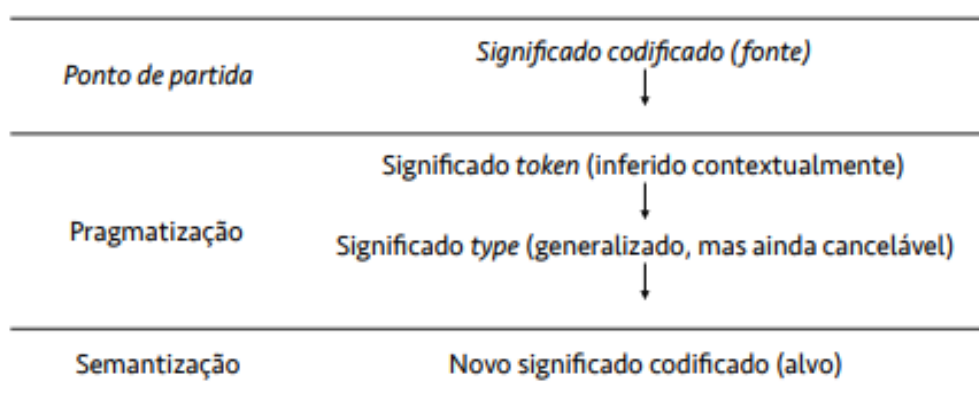
A pesquisadora, com base na Teoria da Inferência Convidada (IITSC), evidencia que os contextos comunicativos são necessários para compreender o processo de mudança linguística. Além disso, a subjetividade do falante é responsável pela reanálise semântica, porque a mudança ocorre a partir do comportamento linguístico e social do interlocutor.

Desse modo, os conectivos contrastivos são de caráter argumentativo e indicam a ação subjetiva e a expressividade do falante. Para Longhin (2016), essa subjetivização torna o item

enquanto propício à mudança semântica e a renovações no decorrer do tempo, principalmente no que concerne às pressões contextuais, emergência de polissemias e o grau crescente de subjetividade.

Ademais, na IITSC, o processo de mudança semântica está relacionado a dois estágios: pragmatização de significados e semantização dos significados. O primeiro corresponde à inferência – contextual – de significados, que são instáveis e sujeitos ao cancelamento. Esses significados podem adquirir saliência, ampliação e generalização, a depender do uso em contextos específicos. No segundo estágio, o significado generalizado passa a ser codificado, não precisando de fatores contextuais para ser interpretado, consoante demonstra a figura a seguir:

Figura 5: mudança semântica



Fonte: Longhin (2016, p. 132)

A figura acima representa como ocorre o processo de mudança semântica, uma vez que a pragmatização se efetiva por meio do significado *token*⁷, inferido no contexto, perpassando pela generalização de significado - *type*⁸ (ainda cancelável). Os significados *token* e *type* são enquadrados no estágio I. Diferentemente desse aspecto pragmático, a semantização ocorre devido ao novo significado ser codificado, sem precisar de pressões contextuais para ter o sentido compreendido, já que se tornou o significado *alvo*.

Tratando-se da etimologia e polissemia do caráter temporal, a origem do *enquanto* reporta-se ao latim *quantu*, *a* e *um*, que se classificava como pronome interrogativo e pronome indefinido. Na passagem para o português, *quanto* categoriza-se como pronome quantificador

⁷ Na Teoria da Inferência Convidada, há uma pragmatização dos significados, que perpassam por emergência de significação inferida contextualmente. Portanto, o significado *Token* é instável e passível de cancelamento.

⁸ O significado *Type* tem ampliação e generalização de seus contextos de uso. Ambos estágios (*Token* e *Type* são inerentemente pragmáticos.

e *enquanto* é a junção do pronome interrogativo + quantificador. Sobre a evolução linguística do quanto, Longhin (2016, p. 276) esclarece que:

Ao longo da trajetória evolutiva, a referência de quanto a uma quantidade indefinida parece ter se especializado, dentre outras vias evolutivas, na expressão de uma quantidade indefinida de tempo. O processo teria sido favorecido por fatores contextuais, tais como a articulação de quanto com a preposição em que, já em seus usos antigos, introduzia circunstâncias de tempo; e também pela a articulação de quanto com verbos cuja semântica era compatível com alguma medida temporal, [...], em que a imprecisão ou indefinição repousam do domínio temporal.

Ainda segundo a autora, a indefinição semântica do *enquanto* parece ser resultado de uma multifuncionalidade, pois o conector funciona como marcador de tempo indefinido em intervalos de tempo que envolve simultaneidade, coextensão e habitualidade.

Por esse viés, ao tratar sobre a reanálise do item, a pesquisadora diz que em um estudo diacrônico, a mudança de construção temporal para a de contraste é composta de dois critérios: i) as construções com *enquanto* são subordinadas e ii) há implicações relativas à constituição do valor semântico de contraste.

Na primeira situação, a construção introduzida por *enquanto* articula dois estados de coisas, estabelecendo uma relação cognitivo-pragmática, isto é, a referência de tempo (na oração principal) é pré-determinada pela referência temporal da oração subordinada, apresentando simultaneidade. Podemos observar isso a partir do exemplo utilizado por Longhin (2016, p. 264): *deixo dez minutos na pressão... então ela [a polenta] fica bem cozida... aí enquanto ela tá cozinhando eu faço um molho com carne moída*. Nesse trecho, a pré-determinação não indica que a estrutura principal e a subordinada estejam ligadas semanticamente, ao passo que “a polenta ficar bem cozida” não apresenta dependência semântica com “Eu faço o molho com carne moída”.

No segundo aspecto, a autora cita estudiosos como Lakoff, Ducrot, Land para tratar da noção de contraste, este que se classifica em três: contraste por oposição (nesse tipo, a situação apresenta antônimos semânticos); por refutação – diz respeito à negação de um estado das coisas, enquanto outro retifica – e, por fim, contraste por quebra de expectativa, que apresentam conclusões e argumentos diferentes do esperado.

Na trajetória do valor temporal, a contrastividade perpassa quatro estágios que estão relacionados aos contextos que influenciam a mudança semântica do conector *enquanto*. Vejamos essa representação no quadro a seguir:

Quadro 7: Estágios de mudança de significado do *enquanto*

Estágios	Ocorrências
Estágio I: significado original)	(...) enquanto diz o que segue, ensaboia a barba.
Estágio II: inferência pragmática (diferença)	Enquanto este fala c'os de casa, falo eu com vós outros
Estágio III: inferência pragmática (oposição)	o cafeeiro exposto ao poente não produz bem (...) emquanto o exposto ao nascente e batido pelos raios do sol oferece grãos verdes dourados, amarelados.
Estágio IV: reanálise sintático-semântica	É ferramenta de mudança esse direito feito pelo legislador enquanto era arma de conservação (relativamente) o direito lento e naturalmente segregado pela sociedade.

Fonte: Longhin (2016, p. 291-292)

Conforme apresentado no quadro, o estágio I representa o valor prototípico do *enquanto*: tempo simultâneo que ocorre na oração principal e na subordinada, ou seja, “ensaboia a barba” e “diz o que segue” são ações que ocorrem em um tempo concomitante.

No estágio II, ainda permanece o sentido de tempo, mas o exemplo presente no quadro demonstra que a cláusula foi enriquecida pragmaticamente com a marca de diferença. Isso é explicado devido à oração estar organizada paralelamente, resultando em uma comparação – o que evidencia a diferença.

Já no estágio III, o caráter temporal se torna opaco, porque as nuances de diferenças e oposições são predominantes, conseqüentemente, a contrastividade fica em primeiro plano. É válido ressaltar que a relação temporal é minimizada paulatinamente, ao passo que as cláusulas introduzidas por *enquanto* assumem traços de oposição.

Por fim, no último estágio, as estruturas expressam o sentido de contraste por oposição, que apresenta graus de objetividade e subjetividade. Em relação a esse último processo, Longhin (2016) resalta que não se pode afirmar ter havido semantização, pois as estruturas têm fronteiras contextuais tênues.

Em seu estudo, a autora conclui que, com base na Teoria da Inferência Convidada (IITSC), os contextos comunicativos são necessários para compreender o processo de mudança linguística. Além disso, a subjetividade do falante é responsável pela reanálise semântica, porque a mudança ocorre a partir do comportamento linguístico e social do interlocutor.

Portanto, a recategorização semântica do *enquanto* ocorreu pelo processo de simultaneidade > comparação > diferença > oposição. Esse procedimento é influenciado pelas

pressões de usos linguísticos que mudam de acordo com o contexto e a necessidade comunicativa do usuário da língua.

Silva (2005), no *corpus* de sua tese de doutorado, ao analisar o comportamento semântico-sintático e discursivo dos conectores que ligam cláusulas com valor de contraste, contempla informações sobre o *enquanto*. Para isso, faz referência a Barreto (1999), que marca o uso desse conector com significado de “no momento que” a partir do século XIX, mas que em seu material de pesquisa não identificou nenhuma ocorrência desse item com valor contrastivo.

Não obstante, o autor da tese referido anteriormente identificou o uso do conector *enquanto* com valor semântico temporal, mas assumiu, em conectivos específicos, valor de constraste, ao fazer a compração de duas ações que ocorrem concomitantemente. Esse comparativo resulta na diferença, dando margem ao valor de contraste entre as orações.

Sobre essa temática, o autor ressalta que a diferença do uso do *enquanto* com valor de tempo e de constraste está na relação de divergência e convergência. O valor temporal em duas ações que ocorrem ao mesmo tempo é como tal porque segue uma mesma linha argumentativa (convergência); quando as ações concomitantes apresentam situações diferentes (apesar de o conector indicar tempo simultâneo) tem valor contrastivo influenciado por esse contexto de comparação/diferença.

Na seção que se segue, realizamos considerações sobre a conjunção *quando*, item que, assim como o *enquanto*, perpassa por mudança semântica.

3.5 Estudo do conectivo *quando* voltado para o uso

Barreto (1999), em sua tese de doutorado, faz um estudo sobre gramaticalização das conjunções na história do português. Para tal, utiliza um *corpus* composto por três sincronias: o português arcaico (séculos XIII ao século VX); português moderno (séculos XVI e XVII) e o português contemporâneo. A autora analisa o processo de gramaticalização, sob a ótica da linguística funcional, de 136 itens conjuncionais encontrados, mas para este estudo, interessamo-nos em discorrer apenas sobre o item *quando*, uma vez que é um dos conectores cujo funcionamento analisamos.

Segundo a estudiosa citada, a conjunção *quando*, originariamente, significava “para o qual”, referindo-se a um aspecto temporal e no latim esse item era usado como advérbio interrogativo-indefinido ou conjunção subordinativa que apresentava oscilação semântica, ora significando tempo (em Plauto), ora com sentido de causalidade (em Terêncio e Cícero). No

entanto, por meio de processo metafórico, o *quando* passou a significar “em que época”, havendo um apagamento no valor de causalidade, conseqüentemente, para a passagem do português, o conector categorizou-se como advérbio ou conjunção.

Desse modo, conforme ressalta Barreto (1999), o processo de gramaticalização do *quando*, para o português, constituiu-se do seguinte percurso: i) morfologização: **quam + do** resultando no **quando** e ii) recategorização: **pronome + preposição** resultando em **advérbio e conjunção**. A pesquisa, a esse respeito, ainda complementa que: “A conjunção *quando* gramaticalizou-se ainda no latim, uma vez que passou ao português com a mesma forma e o conteúdo semântico temporal que já possuía na língua de origem” (Barreto, 1999, p. 222).

Após o percurso do latim para o português, a conjunção *quando* se gramaticalizou como item que indica tempo (uso prototípico), sendo a única função contemplada pela tradição gramatical. Com a corrente da linguística centrada no uso, observou-se que esse conector é maleável e suscetível à mudança de significado. Isso quer dizer que não necessariamente vai introduzir cláusula adverbial com valor temporal, mas pode expressar diversos sentidos de acordo com a pressão contextual, moldando-se conforme os propósitos comunicativos do falante.

Por esse viés, a conjunção *quando* apresenta indicativos que está passando por mudança semântica, podendo ter o seu caráter temporal minimizado e/ou esvaziando, consoante apresenta o quadro a seguir:

Quadro 8: Sentidos expressos pelo conector *quando*

Valor semântico do <i>quando</i>	Ocorrências
Temporal	A Andréa quando chegou em casa, as oito horas da manhã, encontrou o pai dela já acordado.
Condicional	não isso aí a gente salga quando quan quando é um peixe bom bom..
Causal	Quando os meus pais se separaram, eu fiquei muito chocada...
Concessivo	O resultado é que, este ano, o Mato Grosso passou a ser o maior produtor de algodão do país com uma produtividade de 220 arrobas por hectare, quando a média nacional é de 40.
Proporcional	Quando iam entrando em casa, tiravam os sapatos.

Fonte: Baseado em Ferreira (2010, p. 125-129)

O quadro apresenta os valores que o conector *quando* pode expressar: temporalidade, condição, causa e concessão. Para exemplificar esses usos inovadores, a autora se utiliza de

recortes da modalidade oral e escrita, evidenciando que não é o conector que determina a relação lógico-semântica, mas sim aspectos contextuais e discursivos. Ainda sobre essa maleabilidade do item *quando*, Neves (2011, p. 797) afirma que:

[...] a existência de relações de tipo lógico-semântico (causalidade, condicional, concessiva) associadas à relação temporal que se estabelece entre orações. Também esse tipo de associação é licenciado por um conectivo de valor bem neutro (como o *quando*) e pela natureza do complexo temporal que se estabelece em dependência do tempo e do modo verbal empregado em cada uma das orações.

Logo, como a conjunção *quando* pode apresentar gradualidades diferentes de tempo, a opacidade temporal pode ser evidenciada, influenciando o item a passar por mudança semântica. Além disso, faz-se necessário frisar que a análise das cláusulas adverbiais norteadas apenas pelo conector que a encabeça é insuficiente para compreender os valores semânticos que os conectores podem expressar na estrutura oracional.

Sob o viés da Teoria da Estrutura Retórica, Cunha (2014) analisa as orações adverbiais introduzidas pelo conector *quando* presente no gênero reportagem. Essa teoria tem como foco o estudo da coerência textual a partir da descrição dos constituintes que encadeiam a oração. Para tanto, analisa as proposições relacionais que resultam da combinação dos conectores textuais.

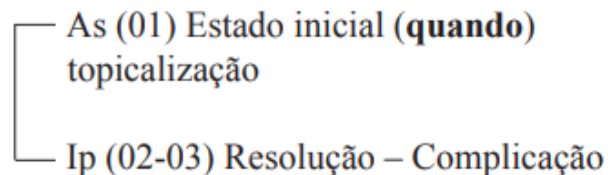
Diante disso, as orações adverbiais conectadas pelo *quando* se configuram como polifuncionais, justamente por estabelecer diversos valores (tempo, condição, contraste etc.), atuando nos aspectos sintáticos, semânticos, retóricos e discursivos. Nas reportagens em que há cláusulas encabeças pelo conectivo *quando*, o autor identificou ocorrências que esse item estabelece relação de causa e condição.

Neves *et al* (2008) afirmam que, a depender das intenções enunciativas, a oração introduzida pelo conector *quando*, se anteposta à principal, pode exercer diversas funções, a exemplo de: criar eventos de fundo para situações posteriores; indicar uma mudança no discurso e situar um argumento novo. Além disso, quando a oração está posposta à principal influencia a: limitar informação expressa na oração principal e/ou acrescentar alguma informação.

Cunha & Marinho (2012), em uma concepção do Modelo de Análise Modular do Discurso, abordam o conector *quando* com funções discursivas em sequências de narrativas de reportagens, marcando outras categorias de relações discursivas, a exemplo de topicalização, argumento e reformulação.

Para exemplificar a função de tópico, Cunha & Marinho (2012, p. 199) utilizaram a ocorrência “**Quando** era vereador, (02) [o deputado estadual Marcos Zerbini] foi acusado de nepotismo (03) depois de empregar em seu gabinete as duas enteadas”. Os autores, em relação a esse trecho, retratam que o ato iniciado pelo quando indica um enquadre de tempo sobre a vida do deputado, funcionando como pano de fundo que dá base para interpretação dos fatos. A oração subordinada introduzida por esse item indica um estado inicial da sequência, categorizando, temporalmente, os episódios que se seguem na oração. Isso pode ser representado a partir da seguinte ilustração:

Figura 6: Esquema do conector quando como topicalizador de ato e marcador de argumento

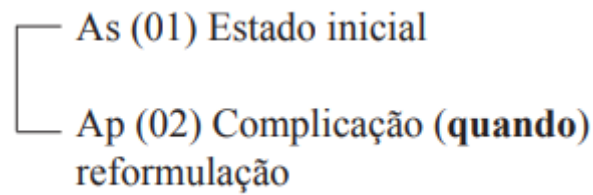


Fonte: Cunha & Marinho (2012, p. 199)

No que se refere a função demarcador de argumento, os teóricos contemplaram este trecho, subdividido em partes: “(01) Espremida entre a serra e o mar, (02) a cidade não tem para onde crescer. (03) Casas e casebres foram se aglomerando no pé dos morros e, (04) **quando** não havia espaço, (05) em cima deles”. A oração introduzida pelo *quando* marca a reação e traz a informação de que o espaço acabou, indicando uma relação genérica de argumento. Essa relação de argumento pode ser evidenciada ao parafrasear a ocorrência e substituir o *quando* por *porque*, já que é um conector introdutor de argumento: “Casas e casebres foram se aglomerando no pé dos morros e, **porque** não havia espaço, em cima deles”.

A marca de formulação do *quando* inicia informações novas que têm o objetivo de enfatizar uma expressão nominal ou esclarecer um pronome que está posto antes do conector, como ilustra o exemplo utilizado pelos autores: “(01) A última intervenção [militar dos EUA no Haiti] ocorreu em 1994, (02) quando militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide”. Nesse trecho, o item tem a função discursiva de reformulação, uma vez que o conteúdo iniciado pelo *quando* explica um termo/expressão dita/escrita antes do conector, levando o leitor/ouvinte a compreender de forma efetiva o que foi expressado. Na figura a seguir, há uma representação dessa função:

Figura 7: Esquema do conector quando como reformulador



Fonte: Cunha & Marinho (2012, p. 201)

Em relação a essas funções discursivas do *quando*, os autores ressaltam que na marca de reformulação, o item indica que o integrante textual que introduz é principal em comparação ao anterior, o que ocorre, de modo diferente, nas marcadas de tempo de topicalização e de argumento.

Os itens *enquanto* e *quando*, conforme aqui apresentados, têm o seu valor semântico ampliado, passando pelo processo de gramaticalização e que podem expressar sentidos diversos na cláusula, possibilitando mudança linguística identificada por meio dos usos.

Concluídas essas considerações a respeito do encandeamento oracional, principalmente no que se refere às cláusulas adverbiais encabeças por *enquanto* e *quando*, no próximo capítulo analisamos, à luz do funcionalismo linguístico, esses itens em textos da esfera jornalística.

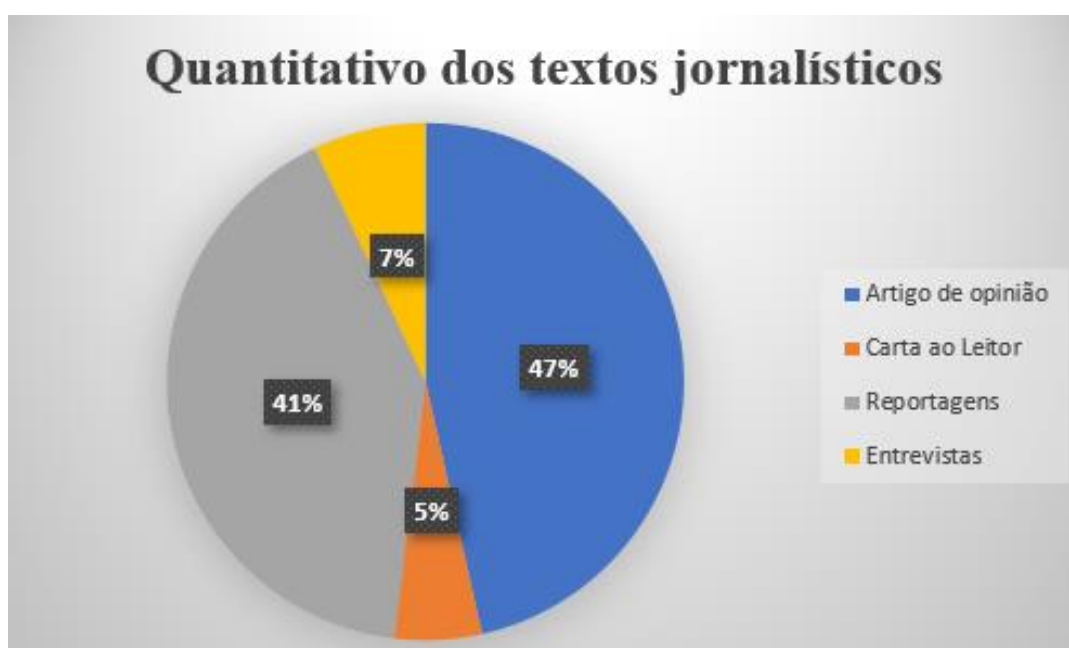
4. ANÁLISE DOS DADOS: FUNCIONAMENTO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DAS CONJUNÇÕES *ENQUANTO* E *QUANDO* EM GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Com base na teoria do Funcionalismo linguístico aqui abordada, é possível contemplar, a partir das cláusulas introduzidas pelas conjunções *enquanto* e *quando*, uma concepção de análise de usos linguísticos a partir de relações sintático-semânticas influenciadas por pressões contextuais.

Diante disso, este capítulo tem o intuito de abordar, através das ocorrências coletadas em textos jornalísticos, a mudança semântica dos itens mencionados, uma vez que tradicionalmente são conectores temporais, mas que assumem a função de conectores contrastivos – no caso do *enquanto* – e condicionais – para a conjunção *quando*. Como explicitado na parte introdutória deste estudo, para categorizar e analisar os dados, coletamos ocorrências do jornal “A União” (2021) e das revistas Veja/2019, Super Interessante/2022 e Radis/2022, dez exemplares de cada, cuja quantidade foi definida pela intenção de contemplar o maior quantitativo de meses de cada ano das edições. Esses gêneros representam uma maior recorrência do *corpus* selecionado e é de fácil acesso social, além de apresentarem uma linguagem argumentativa e serem escritos de acordo com a norma padrão.

No gráfico a seguir, apresentamos a quantidade distribuída entre os gêneros que fizeram uso desses conectores originalmente temporais:

Gráfico 1: Gêneros textuais jornalísticos



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico 1 ilustra a quantidade de textos coletados distribuídos por gêneros textuais, que possui um total de 256. O gênero que apresentou maior recorrência de ocorrências foi artigo de opinião, que corresponde a (47%) das ocorrências. A reportagem é o segundo gênero jornalístico que mais obteve índice de frequência, com a porcentagem (41%), ficando para trás apenas do artigo de opinião. Diferentemente, os gêneros carta ao leitor e entrevista representam o menor índice. O primeiro com apenas (5%) e o último (7%).

O resultado dessa porcentagem apresentada está atrelado ao fato de que, nas revistas analisadas, o artigo de opinião e as reportagens são mais comuns, tendo em vista que são textos que levam a informação ao leitor com o objetivo de convencer a respeito do conteúdo abordado nesses gêneros, assuntos que transitam entre política, economia e cultura. Já os outros gêneros recebem um espaço menor e geralmente, tem um grau de informação menor que os artigos de opinião e as reportagens.

Como informado no tópico introdutório deste capítulo, nosso objetivo é analisar/observar o comportamento sintático-semântico (comportamento influenciado pelos propósitos enunciativos que influenciam no aspecto sintático-semântico e discursivo das sentenças) das cláusulas iniciadas por *enquanto* e *quando* nos textos jornalísticos, que podem ser revestidos semanticamente de novos valores. No primeiro caso, o que nos chamou atenção foi a flutuação semântica de tempo para contraste, assim como ocorre, também, no segundo caso: contextos que influenciam o valor condicional. Dito isso, após a localização das ocorrências, realizamos a quantificação dos conectores, consoante representa a tabela a seguir:

Tabela 1: Quantitativo dos conectores coletados nos textos

CONECTOR	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
ENQUANTO	247
QUANDO	565

Fonte: Elaborado pelo autor

A tabela 1 representa o total das ocorrências encontradas dos itens em investigação. Em vista disso, pautamo-nos na análise que privilegia os aspectos discursivos, evidenciando as variações sintático-semânticas estabelecidas pelo uso, a exemplo de relações semânticas distintas para um mesmo elemento. Esse fenômeno linguístico reforça os postulados de Hopper (1987), que denomina a gramática como emergente, suscetíveis a pressões de uso, e não como algo fixo e invariável.

Adotamos neste estudo a noção evidenciada por Olímpio (2007) de que a articulação de orações não é determinada pela aplicação mecânica restrita, apenas, às regras sintáticas, mas sim das diferentes situações interativas envolvidas no processo enunciativo. Isso significa dizer que a relação adverbial não é feita exclusivamente por meio do conectivo, mas pela proposição que há entre as cláusulas, ressaltando a importância do critério semântico.

A partir desse pressuposto, analisamos ocorrências introduzidas por *enquanto* e *quando* com os valores prototípicos, como também tecemos comentários a respeito da flutuação semântica desses itens e quais possíveis motivações que influenciaram essa mudança linguística.

Na tabela a seguir, categorizamos, em primeiro momento, as estruturas linguísticas pelo matiz semântico do *enquanto*, estabelecido pelo contexto de uso e dividido por gênero textual:

Tabela 2: Frequência do enquanto consoante a função e o gênero

GÊNERO TEXTUAL	MATIZ DE TEMPO	MATIZ DE CONTRASTE
ARTIGO DE OPINIÃO	89	52
REPORTAGEM	36	16
ENTREVISTA	11	4
CARTA AO LEITOR	25	14
TOTAL	161	86

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme demonstra a tabela, as estruturas mais recorrentes foram as cláusulas hipotáticas introduzidas pelo item *enquanto* com valor temporal. Nos gêneros apresentados, coletamos 161 ocorrências com essa referência semântica.

Já em relação ao valor contrastivo do item, identificamos 86 ocorrências. Mesmo que haja essa diferença numérica, a análise dos dados comprova um uso inovador dessa conjunção, evidenciando que o *enquanto* está em processo de gramaticalização, uma vez que esses dois sentidos coexistem. Dessa maneira, inicialmente, analisamos as estruturas temporais.

4.1 Construções introduzidas por *enquanto*

Nesse momento, contemplamos ocorrências que o conector *enquanto* tem o seu valor prototípico: o de indicar tempo simultâneo.

Observemos as ocorrências de (1) a (7) que demonstram esse uso mais tradicional:

(1): O remédio da Pfizer não é uma panaceia: com o tempo, o Sars-CoV-2 poderá modificar sua protease e desenvolver resistência a ele. Esse tipo de manutenção não é tão trivial quanto as alterações na proteína *spike*, com as quais o coronavírus dribla as vacinas, mas pode acontecer. Existe uma estratégia para evitar isso: tratar o paciente com dois inibidores de protease ao mesmo tempo (como é feito no “coquetel de medicamentos anti-HIV). O problema é que, por **enquanto**, só existe um – o próprio medicamento da Pfizer. (Reportagem, Super Interessante, fevereiro de 2022).

No trecho ilustrado anteriormente, temos exemplos do *enquanto* em sua função temporal. Em (1) trata-se de uma reportagem que retrata a respeito das variantes da Covid-19, mostrando que a Ômicron reacendeu a pandemia, mas que, apesar disso, estão surgindo vacinas e medicamentos antivirais para combatê-la. Nesse sentido, o uso do *enquanto* tem o seu valor temporal reforçado devido a sua proximidade com a preposição “por”, que também expressa relação de tempo. Além disso, o próprio contexto do enunciado traz a ideia de que até o momento (período em que a reportagem foi escrita) não há outro medicamento, a não ser a Pfizer, para conter as novas variações da Covid-19. Logo, a função do *enquanto* é de adjunto adverbial de tempo.

(2): O que se apresenta, por **enquanto**, como o mais gritante desafio para 2022, é superar a pandemia e a imensa desigualdade socioeconômica e sanitária que existente, buscar uma recuperação social e econômica em bases verdadeiramente mais equitativas e estabelecer relações definitivamente mais sustentáveis e amigáveis com o planeta. (Artigo de opinião, Radis Fevereiro de 2022)

Assim como em (1), no exemplo (2), artigo de opinião que trata sobre a desigualdade social acarretada pela pandemia, também tem o caráter temporal evidenciado pela presença da preposição, funcionando, também, como adjunto adverbial de tempo.

(3): Assim, o sistema fica monitorando o dia de fazer a cirurgia. Evoluímos, agora, para esse sistema”, disse o governador, enfatizando que “Jamais, uma fila de anos e anos acontecerá mais na Paraíba, pelo menos **enquanto** eu for governador. Isso jamais irá acontecer”. (Reportagem, A união –fevereiro 2022)

Em (3), o tema central da reportagem diz respeito a um sistema informatizado que identifica as demandas de novas cirurgias eletivas na Paraíba. Assim como em (1) e (2), no exemplo (3) o item em análise também manifesta o seu valor prototípico, isso se dá, principalmente, pelo contexto da ocorrência que demarca um tempo específico “enquanto eu for governador”. Na cláusula ilustrada, a correlação do tempo verbal é um aspecto que influencia o sentido temporal, pois o verbo no futuro do presente do indicativo na oração principal + verbo no futuro do subjuntivo na subordinada resultam no tempo afirmativo, significando “durante o tempo em que”. Logo, A cláusula pode ser reformulada para: *Jamais, uma fila de anos e anos acontecerá mais na Paraíba, pelo menos **durante o tempo em que eu for governador**. Isso jamais irá acontecer.*

(4): Consumidor voraz de qualquer tipo de mídia – tiras de jornais, programas de rádio, cinema... -, Stanley ganhou, como um dos primeiros presentes de sua mãe, um suporte de livros, para que pudesse ler **enquanto** comia. (Reportagem, Super Interessante, fevereiro 2022).

Na ocorrência (4), a temática abordada é sobre a vida secreta de Stan Lee, que se tornou um ícone dos quadrinhos e criador de super-heróis, mas que teve rixas por não dar créditos a parceiros de criação. Nessa estrutura, o *enquanto* interliga uma perífrase verbal “pudesse ler” e um verbo pleno “comia”, mobilizando a conexão entre duas ações que acontecem concomitantemente, logo, fazendo com que o conector exercesse a sua função prototípica.

(5): O que explica essa discrepância? Kennedy apareceu bronzeado e sorridente e olhava diretamente para as câmeras. Já Nixon estava abatido, suava por conta de febre e teve uma tática equivocada para a TV: mirava os repórteres **enquanto** respondia as perguntas. (Artigo de opinião, Super Interessante, setembro de 2022).

Por fim, no trecho (5), o artigo de opinião contempla informações de que campanhas não são feitas para discutir propostas, mas gerar espetáculo e que o noticiário dá mais espaço para polêmicas do que para ideias. O conector sob estudo demarca duas ações que ocorrem ao mesmo tempo: a ação de “mirar” e a de “responder”. Nessa estrutura, a correlação dos tempos verbais de duas formas perfectivas pretérito imperfeito na oração principal + pretérito imperfeito na oração subordinada indica uma coextensão de tempo, que, nesse contexto, a hipotática temporal determina a duração de tempo.

Agora passemos a observar outra função do conector *enquanto*: contraste/contradição, cujo sentido não tem sido contemplado pela tradição gramatical:

(6): Resolveram acordar as pessoas, naquele momento, e perguntar se elas estavam. E, o mais intrigante, era um tipo de sonho diferente de sonho. **Enquanto** na fase REM os voluntários tinham sonhos complexos, com situações cheias de detalhes, os sonhos não-REM eram mais simples. (Reportagem, Super Interessante – setembro, 2022)

Os exemplos selecionados (ocorrências de 6 a 11) ilustram as estruturas hipotáticas com nuances contrastivas, matiz semântica que o conector *enquanto* assume devido a fatores pragmáticos e contextuais.

Na ocorrência (6), o tema central da reportagem é a engenharia dos sonhos, que consiste em inserir elementos nos sonhos de uma pessoa, decodificando seus padrões cerebrais para descobrir o que ela está vendo. Para complementar essa informação, e atender os objetivos enunciativos do interlocutor, foi introduzido o conector *enquanto*, que enfatiza a diferença entre “REM” e “não-REM”. Essa diferença resulta em um contexto sintático no qual as estruturas oracionais são paralelas, colocando em foco dois pares distintos “simples” e “complexo”, o que favorece a comparação entre as duas informações, enfraquecendo a referência temporal e, conseqüentemente, essa estrutura produz inferência de contraste. A troca do conector por um prototípico de adversidade comprova esse valor “na fase REM os voluntários tinham sonhos complexos, com situações cheias de detalhes, **mas** os sonhos não-REM eram mais simples”.

Além desse fator de diferença estabelecida entre as orações, o critério pragmático influi nessa recategorização semântica do item, ao passo que essa mudança recebe motivações cognitivas e interacionais. Isso quer dizer que a mudança semântica do *enquanto* pode ser explicada através da metáfora e metonímia, pois, no primeiro caso, há um percurso de concreto para abstrato, isto é, o conector em seu valor prototípico tem um valor referencial (tempo) passando a expressar um significado não referencial (diferença/oposição). Quando ao último, há uma transferência de significado que é influenciada pelo contraste de duas situações que ocorre na oração principal e na subordinada, portanto, o conector associa os valores inferidos na sentença como um todo e passa a indicar contraste.

(7): Marte perdeu seu campo eletromagnético há 4 bilhões de anos – a hipótese é de que uma tempestade de asteroides tenha causado um distúrbio grande o bastante para “quebrar” o dínamo do núcleo do planeta. Outro é que a parte externa de seu núcleo se solidificou, por ser

um planeta menor, **enquanto** a interna nunca foi sólida, pela mesma razão. (Artigo de opinião, Super Interessante – setembro, 2022)

O artigo de opinião, referência do exemplo (7), trata da inversão dos polos magnéticos, fazendo com que a terra fique um tempo sem campo magnético. No que concerne ao uso do *enquanto*, assim como em (6), a ocorrência (7) tem o caráter de tempo simultâneo amenizado, devido as expressões que se opõem “se solidificou” e “nunca foi sólida”.

Essas pressões de uso tornam o contexto contrastivo, ao passo que o autor do enunciado queria abordar a diferença entre dois fatos, essa diferenciação resultou na passagem de tempo para nuances de contraste do conector analisado, podendo ser parafraseado para *Outro é que a parte externa de seu núcleo se solidificou, por ser um planeta menor, mas a interna nunca foi sólida, pela mesma razão.*

(8): A síndrome gripal da Influenza é muito semelhante à da Covid-19, no entanto, existem algumas diferenças. **Enquanto** os sintomas da primeira são mais intensos a partir das primeiras 48 horas, os da segunda se intensificam a partir do sexto ou sétimo dia da infecção. (Reportagem, A união – dezembro de 2021)

Na ocorrência (8), são retratadas as diferenças de sintomas entre a Influenza e a Covid-19. Nesse exemplo, o *enquanto* é revisto com a função de contrastar informações. Essa ideia de contraste surge, como afirma Longhin (2016), a partir da comparação, resultando no apagamento do tempo, o que deixa em evidência as informações que se contrastam. Nesse sentido, a estrutura oracional contempla dois fatos, um que ocorre na oração principal; outro, na subordinada, mas que abordam situações que se opõem: “os sintomas da primeira são mais intensos a partir das primeiras 48 horas” e “os da segunda se intensificam a partir do sexto ou sétimo dia da infecção”, esse contexto estabelece opacidade temporal para enfatizar o sentido de oposição.

(9): Enquanto parte da Europa anuncia a aplicação de uma terceira dose da vacina contra a Covid-19, os países mais pobres do mundo seguem enfrentando dificuldades para administrar a primeira. (Artigo de opinião, Radis – agosto de 2021)

Em (9), o gênero artigo de opinião traz informações sobre a diferença/comparação entre países, mais desenvolvidos e desfavorecidos social e economicamente, que tiveram reflexo no recebimento das vacinas contra a Covid-19. Nesse excerto, o período é introduzido pela conjunção *enquanto* que traz a ideia de contradição, tendo o valor de tempo opaco, justamente porque coexistem diferenças que se opõem, podendo-se parafrasear o período composto por:

Parte da Europa anuncia a aplicação de uma terceira dose da vacina contra a Covid-19, mas os países mais pobres do mundo seguem enfrentando dificuldades para administrar a primeira.

(10): “Compreendo a preocupação de todos os governantes em proteger suas populações do variante delta, mas não podemos aceitar que os países que já utilizaram a maior parte do suprimento global de vacinas continuem utilizando-o ainda mais, **enquanto** as pessoas mais vulneráveis do mundo permanecem desprotegidas “, afirmou Tedros. (Artigo de opinião, Radis – agosto de 2021)

(11): As regiões brasileiras apresentaram em julho cenários distintos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG); **enquanto** os estados do Sudeste, Sul e Centro-oeste apontaram para uma interrupção do crescimento do número de casos iniciado em abril, Norte e Nordeste mantiveram a alta em junho. (Reportagem, Radis – agosto de 2022)

Nos fragmentos (10) e (11), a narrativa contextual é semelhante a (9), ao tratar da comparação/diferença entre duas situações que são opostas, resultando nessa opacidade temporal. A noção de tempo, nesse sentido, vai se enfraquecendo à medida que as estruturas linguísticas se constituem a partir de pares contrários e contextos que se diferenciam, assim, as estruturas de hipotaxe adverbial encabeçada por *enquanto* se revestem de traços constitutivos da relação contrastiva.

Ao observar as ocorrências conectadas por *enquanto* com a função de opor elementos e cenário comunicativos distintos, o que influencia essa mudança de significado é o fato de o comunicador colocar em evidência a comparação a partir de diferenças que são apresentadas nessas circunstâncias comunicativas.

Então, retomando a pergunta feita no início desta pesquisa, a respeito de como ocorre essa recategorização semântica do *enquanto*, percebemos que o processo de gramaticalização desse item se dá através do percurso de *simultaneidade – comparação – diferença – oposição*, consoante ressalta Longhin (2016). Como demonstrado na análise, o *enquanto*, inicialmente, tem o significado de “durante o tempo em que” e também indica concomitância de tempo. Essa simultaneidade evolui para uma comparação e põe em evidência a diferença tratada na oração principal e subordinada, fazendo com que o conector assimile o valor de oposição.

Além da função de contraste analisada nas ocorrências, também identificamos em nossos dados duas estruturas em que o *enquanto* é revestido pelo matiz semântico de condição. É importante ressaltar que descartamos esse uso na tabela dos dados por ele apresentar índice de frequência estatisticamente irrelevante, mas que consideramos necessário contemplar aqui

esses exemplos para evidenciar que a situação discursiva reflete na função que os elementos linguísticos exercem na circunstância enunciativa, o que pode ensejar inovações funcionais para itens consolidados em determinadas funções.

Vejamos os exemplos:

(12): Dormir também dá uma trégua ao corpo, e permite que ele aproveite a tranquilidade metabólica da noite para executar processos específicos – o hormônio do crescimento, por exemplo, só é liberado **enquanto** estamos dormindo. (Reportagem, Super Interessante – junho de 2022)

(13): [...] talvez essa previsão se revele tão ingênua quanto aquele roteiro inicial previsto em 2020. **Enquanto** o vírus continuar circulando e infectando muita gente, sempre poderá surgir uma nova variante capaz de mudar o jogo. (Artigo de opinião, Super Interessante – fevereiro de 2022)

No exemplo (12), o conector *enquanto* interliga duas ideias que, para acontecerem, uma depende da outra. Nessa estrutura, o item em análise apresenta uma nuance temporal de concomitância, no entanto, o que predomina é a relação de condicionalidade, pois, no contexto da ocorrência, o hormônio do crescimento está condicionado ao ato de dormir, logo, a sentença pode ser parafraseada para “o hormônio do crescimento só é liberado **se** estivermos dormindo”. É válido ressaltar que na paráfrase com o conector condicional **se** o modo verbal se adequa à frase modificando-se para o futuro do subjuntivo. Além dessa questão, a seleção lexical do falante ao utilizar o termo “só” reforça o aspecto semântico de condição.

Tratando-se do excerto (13), levantamos a hipótese de que a perífrase verbal “poderá surgir” influencia o *enquanto* a apresentar valor de condicionalidade, uma vez que o verbo auxiliar está no futuro “poderá” e complementa o verbo principal “surgir”, trazendo a ideia de que o enunciado não traz uma informação de certeza absoluta, mas sim de possibilidade. Nessa concepção, se alterarmos a frase para “Se o vírus continuar circulando e infectando muita gente, sempre poderá surgir uma nova variante capaz de mudar o jogo”.

Diante desse quadro, é importante mencionar que classificar o período composto de acordo com o conectivo que interliga a oração tomando apenas como referência o seu valor tradicional é insuficiente para analisar as manifestações linguísticas em seu uso real. Por isso, o mais adequado é observar como se constrói o comportamento sintático-semântico desses itens juntamente com as relações lexicais e, sobretudo, o contexto discursivo porque são fatores que determinam a função dos elementos linguísticos.

Após feita a análise sobre o comportamento sintático-semântico do *enquanto*, observamos, no próximo tópico, como se comporta a conjunção quando em situações comunicativas materializadas.

4.2 Construções introduzidas por *quando*

As cláusulas introduzidas pelo *quando* tradicionalmente são classificadas como oração adverbial temporal. Neste estudo, abordamos as ocorrências com o item em sua função mais prototípica, porém, também analisamos ocorrências em que há outros valores semânticos desse conector, a exemplo da condicionalidade.

Na Tabela 03, apresentada a seguir, subdividimos o número de ocorrências conforme a distribuição de gênero e quanto as funções do conector *quando*: tempo e condição:

Tabela 3: Frequência do *quando* consoante a função e o gênero

GÊNERO TEXTUAL	MATIZ DE TEMPO	MATIZ DE CONTRASTE
ARTIGO DE OPINIÃO	264	89
REPORTAGEM	94	39
ENTREVISTA	39	26
CARTA AO LEITOR	11	3
TOTAL	408	157

Fonte: Elaborado pelo autor

A tabela acima ilustra os dados encontrados das estruturas linguísticas iniciadas pelo conector *quando*. Os resultados demonstram que a matiz semântica de temporalidade teve predominância. Isso se justifica pelo fato de que o item ainda está passando pelo processo de gramaticalização, por isso o seu traço semântico denotador de tempo persiste. Apesar disso, identificamos um número significativo de ocorrências que expressam sentido de condicionalidade, uso, tradicionalmente, direcionado às conjunções subordinativas condicionais.

Dito isso, primeiramente, analisamos ocorrências, encabeçadas por esse item, que denotam noção temporal, ou seja, seu valor prototípico:

(14): Quando Abert Einstein tinha 4 ou 5 anos seu pai lhe deu uma bússola. Ao manusear o objeto redondo e ver alguma força aparentemente mágica fazia a agulha apontar sempre para a mesma direção, o menino teve um insight. (Carta ao leitor, Super Interessante, setembro de 2022).

Os exemplos selecionados ilustram o uso prototípico da conjunção *quando*. Em (14), o trecho foi retirado do gênero carta ao leitor, que tem como tema central a bússola de Einstein. Nesse fragmento, o *quando* marca a temporalidade entre a idade do cientista e o momento em que ele ganhou a bússola.

(15): E a ciência está descobrindo como interferir nesse mundo. Essa história começa em 2017, **quando** um grupo de pesquisadores americanos, suíços e italianos fez uma descoberta revolucionária. (Reportagem, Super Interessante, setembro de 2022).

Em (15), o texto trata da influência da ciência no cotidiano da vida humana. O valor temporal do item em análise demarca o início de uma descoberta revolucionária, que tem o seu marco temporal evidenciado pela expressão “em 2017”.

(16): “32 anos mais tarde, **quando** fui trabalhar no Hospital do Câncer, já dispúnhamos de diversas classes de medicamentos quimioterápicos, com farmacologia razoavelmente estudada”, completa Dráuzio. (Carta ao leitor, Super Interessante, junho de 2022).

No excerto (16), há informações sobre uma arma química que se tornou medicamento durante a Primeira Guerra Mundial. O *quando*, nesse contexto, tem o seu caráter de tempo reforçado devido à presença à expressão “32 anos mais tarde”. Essa proximidade entre as estruturas linguísticas determinam a função do elemento na estrutura oracional.

(17): O Big Bang foi um evento iluminado: frações de segundo após o marco zero, **quando** o Universo conhecido estava espremido no volume de uma partícula, a temperatura desse embrião cósmico era septilhões de graus maior que a do núcleo do Sol – um número com 29 zeros. (Reportagem, Super Interessante, julho de 2022).

(18): Em questão de horas, a casa que foi sua por 22 anos foi soterrada pelas obras do Parque Olímpico, na Barra da Tijuca. Altair, que presidia a associação de moradores, perdeu casa, saúde, acesso à saúde e

vitalidade **quando** tornei a falar com ele, em 2016. (Reportagem, Radis, julho de 2022).

Nas últimas ocorrências aqui ilustradas, (17) e (18), o conector *quando* tem a função de demarcar um momento temporal expresso no período composto por subordinação, relacionando com o fato expresso na oração matriz.

Esses exemplos demonstram que o item *quando*, usado em seu valor prototípico, tem a função de direcionar o ouvinte/leitor para determinado marco temporal que será importante para a compreensão da mensagem que o falante/enunciador deseja articular, tornando, portanto, a comunicação assertiva e eficiente.

Vejamos, agora, estruturas do *quando* com matiz de condição:

(19): [...] isso acontece por causa da noradrenalina, um neurotransmissor relacionado ao estresse, cujo nível sobe e desce periodicamente ao longo do sono – **quando** ele aumenta, o cérebro acelera por um período bem curto de no máximo 15 segundos. (Reportagem, Super Interessante, agosto de 2022).

O dado (19) refere-se ao processo que ocorre no cérebro humano quando se está dormindo. Nessa situação, o *quando* admite nuance de condicionalidade, uma vez que a condição para o cérebro acelerar por 15 segundos é estar relacionada ao aumento do neurotransmissor. Por esse viés, podemos parafrasear a cláusula e adicionar um conector prototípico de condição: *se ele aumenta, o cérebro acelera por um período bem curto de no máximo 15 segundos*.

Além disso, a correlação verbal dos tempos presente (aumenta) + presente (acelera) denota uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneas, com indicação de habitualidade. Esse contexto linguístico favorece o conector *quando* a indicar condicionalidade.

(20): Os bichos não apresentaram anormalidades neurológicas ou de comportamento. E os neurônios humanos aparentemente funcionam: **quando** os cientistas sopravam ar nos bigodes dos ratos, eles disparavam sinais elétricos, acusando a sensação de tato. (Reportagem, Super Interessante, novembro de 2022).

Em (20), o contexto da entrevista está voltado para experimentos realizados em ratos. O encadeamento oracional encabeçado pelo *quando* permite uma leitura condicional, ao passo que o quadro contextual da hipotaxe adverbial indica que para os ratos dispararem sinais elétricos é preciso que os cientistas soprem ar nos bigodes dos animais. Temos, portanto a

paráfrase que comprova esse matiz: *Se os cientistas sopravam ar nos bigodes dos ratos, eles disparavam sinais elétricos, acusando a sensação de tato*. Nesse excerto, a estrutura oracional é constituída pela correlação dos tempos verbais pretérito imperfeito (oração principal) + pretérito imperfeito (oração subordinada). Essa relação também indica uma perspectiva global imperfectiva de estados de coisas simultâneas – total ou parcialmente – no entanto, diferentemente do exemplo (19), o (20) indica mais do que habitualidade, e sim de iteratividade, uma vez que a oração de tempo pode determinar que o estado de coisas da oração principal seja percebido como não contínuo, contribuindo para que o conector expresse sentido de condicionalidade.

(21): O problema ético é você induzir o aborto e o feto nascer vivo. O que você faz? É por isso que se limita, para que não haja esse questionamento moral, diz o obstetra Olímpio Moraes, professor da Faculdade Estadual de Pernambuco. Ele ressalta que isso não vale **quando** a vida da mulher corre risco, e claro: nesse caso, a gestante deve ser priorizada em qualquer estágio da gravidez, como a própria lei brasileira diz. (Artigo de opinião, Super Interessante, novembro de 2022)

(22): Quando a gestante tem depressão ou ansiedade, isso deixa marcas físicas nos dentes do bebê, cujo esmalte apresenta linhas mais espessas. (Reportagem, Super Interessante, fevereiro de 2022).

No exemplo (21), o que se discute é a problemática do aborto e a saúde da mulher. O item em análise conecta duas circunstâncias em que uma depende da outra para ser efetivada, podendo ser parafraseada por *Ele ressalta que isso não vale se a vida da mulher corre risco*. Nesse excerto, o valor de condicionalidade se sobressai ao de tempo, reforçando a ideia de que o contexto comunicativo é quem determina o sentido expresso pelo conector. Assim como em (21), a ocorrência (22) apresenta duas situações que se relacionam em uma nuance de dependência. Essas ocorrências apresentam o mesmo fenômeno linguístico de correlação dos tempos verbais: presente do indicativo + presente do indicativo.

(23): [...] uma mutação do coronavírus surgida na Índia, é transmitida mais rapidamente mesmo entre pessoas vacinadas. Além disso, ela pode causar quadros mais graves entre os não vacinados **quando** comparada a todas as outras variantes. (Artigo de opinião, Radis, agosto de 2021).

Em (23), o contexto comunicativo direciona a conjunção *quando* para um esvaziamento temporal, porque o intuito do interlocutor é evidenciar uma comparação de sintomas mais graves para quem não é vacinado em relação aqueles que são. Então a condição é destacada

quando se compara os sintomas da Ômicron às outras variantes. Isso pode ser evidenciado por meio da paráfrase *ela pode causar quadros mais graves entre os não vacinados se comparada a todas as outras variantes*.

(24): E só porque manipula a carta magna de seu país. Putin também sufoca com mão de ferro a liberdade de expressão. Democracia só é possível **quando** o governo da vez permite a divulgação de fatos e opiniões que não lhe agradem. (Carta ao leitor, Super Interessante, abril de 2022).

Por fim, na ocorrência (24), o *quando* liga dois eventos estabelecendo relação de condição ao ressaltar que a para se ter democracia é pré-requisito a divulgação de fatos e opiniões. Além disso, na estrutura oracional, a presença do advérbio de exclusão “só” intensifica o aspecto condicional do item, resultando em uma hipotaxe adverbial de condição. Desse modo, também, pode-se transformar a frase em: *Democracia só é possível se o governo da vez permite a divulgação de fatos e opiniões que não lhe agradem*. Os modos verbais (tanto da oração principal, como da subordinada) estão no presente do indicativo, favorecendo a condicionalidade do conector em análise.

Durante a coleta das ocorrências, nosso objetivo foi identificar as manifestações de condicionalidade do conector *quando*, porém, esse item se manifestou, também, estabelecendo relação de concessão, conforme demonstra a ocorrência⁹ a seguir:

(25): “Procura-se entender por que ela teve uma gravidez não planejada. Ela tinha acesso aos métodos adequados? Ou achava que estava usando bem os métodos **quando** na verdade não estava?”, diz Gabriela Rondon, doutora em direito pela Universidade de Brasília e pesquisadora do Instituto de Bioética Anis. (Artigo de opinião, Super Interessante – novembro de 2022).

O valor concessivo expresso pelo *quando*, nessa ocorrência, se dá através da relação entre “estava usando bem” e “na verdade não estava”. Essa pressão contextual resultou na opacidade do valor de tempo do item, resultando na expressividade de concessividade da oração adverbial.

Ainda convém lembrar que o matiz semântico de concessão é favorecido devido ao estado de coisas da oração principal e da subordinada serem simultâneas, mas que se contrastam entre si.

⁹ As ocorrências (25) e (26) não foram contabilizadas nos dados, uma vez que só identificamos um exemplo do *quando* com sentido de concessão e outro com indicativo de causalidade.

Outro valor encontrado em nossos dados foi o de causalidade, expresso no seguinte excerto:

(26): O verde indica a presença de uma enzima chamada mieloperoxidase – produzida pelos neutrófilos, células que atuam na defesa do nosso organismo. Essa enzima tem um pigmento esverdeado que dá cor ao muco. E é evidente que a produção aumenta **quando** há invasor no seu sistema respiratório (Reportagem, Super Interessante, agosto de 2022).

O *quando*, nessa conjuntura, tem a função de introduzir a noção de causa. Assim, podemos parafrasear por “E é evidente que a produção aumenta **porque** há invasor no seu sistema respiratório”, que o sentido permaneceria aproximado.

Essas duas últimas ocorrências foram encontradas no momento da coleta dos dados do *quando* com a função condicional. Não identificamos um número significativo de estruturas linguísticas em que esse conector se manifeste como concessivo e causal, mas consideramos importante mencionar esses dois usos, já que comprovam que, em uma perspectiva funcional, o sentido expresso na cláusula adverbial não é determinado unicamente pelo conector, mas sim emana do contexto (proximidade com outras palavras) e das intenções enunciativas do falante.

No início deste trabalho, foi levantado o questionamento sobre a motivação que leva a conjunção *quando* (prototipicamente temporal) a indicar valor semântico de condicionalidade. No capítulo teórico, referenciamos Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), que tratam de mudança linguística, defendendo a trajetória percorrida pelo sentido de itens linguísticos relacionais como ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Nessa concepção, o item em análise passa pelo referido processo, sendo a qualidade uma referência ao momento em que o termo assume uma função mais gramatical e mais abstrata, considerando o seu funcionamento na estrutura textual.

Essa mudança semântica ocorre via metáfora, uma vez que há a transferência de significado de um elemento concreto para um mais abstrato, tornando o significado da hipotaxe adverbial mais complexo.

Uma outra justificativa a respeito da mudança de significado, tanto do *quando* como também do *enquanto*, é através do processo metonímico, ao passo que esses conectores se associam a outros termos devido a pressões contextuais. Isso significa dizer que a transferência de significado está relacionada a valores expressos por outros itens linguísticos postados em contexto de contiguidade na estrutura oracional.

Vale evidenciar que em uma situação enunciativa é possível inferir mais de um propósito comunicativo, dando margem para que o conector possa assumir novos sentidos, o

que pode resultar em uma generalização de significado, maleável e disponibilizado às necessidades comunicativas do falante.

Considerando os dados descritos e analisados nesta pesquisa, nossa preocupação básica foi evidenciar a multiplicidade de valores semânticos que os itens podem assumir, demandados por contextos nos quais os propósitos comunicativos dos usuários são os mais diversos. Nesse sentido, não podemos afirmar categoricamente que *enquanto* e *quando* mudaram de sentido e que seus usos sejam exclusividade deste ou daquele papel funcional. De fato, os resultados evidenciam que há uma sobreposição de papéis em contextos que favorecem interpretações de valores contrastivos e condicionais, embora seja possível depreender a persistência de alguns de seus matizes originais indicadores de temporalidade.

Tratar sobre essa passagem de tempo a contraste (*enquanto*) e de tempo a condição (*quando*) remete às contribuições de Givón (1989) acerca de prototipia, noção fundamental para análise do fenômeno linguístico observado, porque traz a ideia de que as palavras estão em um *continuum* categorial, ora revelam traços que conotam ideia de tempo, ora de condição, ora de contraste. Isso significa dizer que a presença de um número maior ou menor de traços diferencia quais itens são prototípicos e periféricos.

Em relação ao uso do *enquanto*, o que teve maior predominância foi o seu valor prototípico – temporal. Apesar disso, encontramos ocorrências produtivas em que o item estabelece relação semântica de contraste. Esse fato reforça a ideia de que quando surgem novas funções para uma mesma forma, a função anterior não desaparece necessariamente, mas pode coexistir com a(s) outra(s). Nessa circunstância, os matizes semânticos de tempo e contraste coexistem e esses valores são identificados nas ocorrências de acordo com o contexto comunicativo.

No que concerne ao uso do *quando*, o valor de tempo se mostrou mais frequente, mas o de condição, a partir da análise das ocorrências, mostrou-se produtivo no *corpus* investigado. A condicionalidade expressa por esse item se revelou motivada pela proximidade de alguns itens lexicais que influenciaram a emergência dessa função, ou seja, pressões contextuais reforçaram o caráter de condição.

Diante desse quadro, foi possível observar, através do estudo dos conectores *enquanto* e *quando*, que uma análise oracional pautada exclusivamente na memorização da classificação das conjunções é insuficiente para abarcar todas as funções que esses itens podem assumir na organização textual. Sendo assim, para não enviesar a compreensão de determinadas estruturas, o mais recomendado é observar o comportamento sintático-semântico dos conectores em recortes mais amplos do que a simples conexão de termos ou de orações.

Ao observarmos o comportamento desses itens em análise nos gêneros textuais que compõem o nosso *corpus*, percebemos que quando usados com matiz semântico de contraste e condição, apresentam uma maior complexidade cognitiva, ao emitirem uma opinião sobre algum fato, uma vez que as relações lógico-semânticas de oposição e condicionalidade direcionam o ouvinte/leitor para o ponto de vista estabelecido pelo falante/escritor. Dessa forma, a hipotaxe adverbial é usada como recurso argumentativo por parte do interlocutor. Isso ocorre, principalmente, no gênero artigo de opinião e reportagem, sobretudo nas passagens que indicam um juízo de valor.

Já o uso prototípico desses conectores apresenta um grau menor de complexidade cognitiva, pois são usados para demarcar período. O valor temporal é mais recorrente quando o texto tem o objetivo de expressar informação, sem, na oração, necessariamente indicar opinião do falante sobre determinado fato.

É importante ressaltar que este estudo não tem a pretensão de esgotar as explicações sobre a transformação sofrida pelos dois itens linguísticos em evidência, considerando, principalmente, tratar-se de uma descrição sincrônica. Provavelmente, apenas uma pesquisa de cunho histórico poderia demarcar com precisão o caminho de mudanças semântico-funcional pelas quais determinados elementos passam. Com efeito, nossa abordagem flagra apenas um quadro instantâneo desses usos, revelando seu comportamento em um recorte contextual bastante específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste trabalho consistiu em abordar a mudança semântica dos conectores *enquanto* e *quando*, itens que, originalmente, têm valor temporal. Desse modo, a análise dos dados demonstrou que o processo de mudança linguística ocorre no momento do uso, uma vez que os falantes, intencionalmente, utilizam formas inovadoras ao se comunicar para obter êxito em seus processos enunciativos.

No início da pesquisa que resultou nesta dissertação, elaboramos questionamentos sobre quais motivações influenciaram os conectores a passarem por recategorização semântica. Essas questões foram respondidas ao longo da análise, trazendo informações que contribuíram para uma análise que buscou apresentar com mais detalhes o comportamento sintático-semântico dos conectores *enquanto* e *quando*, correspondendo ao objetivo geral da nossa pesquisa.

Para atingir os objetivos específicos, a noção de prototipicidade e de categorização foi de suma importância para compreender que os itens analisados não são estanques, isto é, as conjunções subordinativas aqui analisadas não são restritas apenas a um matiz semântico, mas sim perpassam por um *continuum*, em que o contexto enunciativo é quem vai determinar o valor semântico do conector.

A respeito da conjunção subordinativa *enquanto*, os dados demonstram que a predominância se deu a partir do uso desse item com o seu valor prototípico, o temporal, evidenciando que esse conectivo apresenta persistência, ao expressar uma recorrência maior com o valor semântico originário. Apesar dessa predominância, foi encontrado um número significativo de ocorrências que indicam o *enquanto* com o matiz semântico de contraste. Ademais, a correlação dos tempos verbais, a distribuição das palavras e as pressões contextuais favoreceram a mudança semântica do conector.

Diante disso, na perspectiva da gramaticalização, o item está passando, como assinalam Hopper & Traugott (1993), por estágios que indicam fase inicial do processo de gramaticalização, visto que há deslizamento de sentido, embora o sentido original permaneça produtivo. Assim, verificamos a coexistência do valor de tempo com o de contraste, sem necessariamente um matiz semântico se sobrepor com exclusividade sobre o outro.

No que concerne à conjunção subordinativa *quando*, os dados demonstraram que, assim como o conector *enquanto*, registramos mais aparições com valor de tempo, mas que, também, identificamos ocorrências em que o item exprime ideia de condição. temos, portanto,

indícios de que esse conectivo ainda está em processo de gramaticalização e que seu valor está condicionado ao contexto situacional em que está inserido.

É válido ressaltar também que esse item passa pelo mesmo itinerário do *enquanto*, no que confere ao processo de gramaticalização, ao passo que dois valores semânticos coexistem, mas ainda há predominância do matiz semântico prototípico, isto é, o de temporalidade.

Os resultados alcançados, ao investigar o comportamento sintático-semântico e discursivo dos conectores *enquanto* e *quando*, foram que para o primeiro item, o valor de tempo é favorecido pela correlação dos tempos verbais, uma vez que o verbo no futuro do indicativo (na oração principal) com o verbo no futuro do subjuntivo faz com que o *enquanto* expresse um sentido aproximado a "durante o tempo em que", como também, formas perfectivas (pretérito imperfeito + pretérito imperfeito) influenciam o aspecto temporal.

Quanto às motivações que levam o *enquanto* a indicar contraste, os dados revelaram que os fatos presentes nas orações principal e subordinada (que ocorrem concomitantemente) contrastam entre si, levando o conector a assimilar o conteúdo nas orações interligadas por ele, portanto, expressando ideia de oposição. O percurso de gramaticalização desse item é de simultaneidade > comparação > diferença > oposição, consoante retrata Longhin (2016).

Além do mais, também identificamos que as pressões contextuais, de cunho pragmático, favorecem a mudança semântica do conector, a exemplo da metáfora e metonímia, levando o item a passar pelo percurso de concreto > abstrato (metáfora), como também, realizar transferência de significado a partir da contiguidade contextual (metonímia).

Em relação ao *quando*, o seu valor prototípico é favorecido pela presença de adjuntos adverbiais presentes ora na oração principal, ora na subordinada. Essa ocorrência determina que o conector exprima ideia de tempo, uma vez que a sua função textual é demarcar o tempo em que o fato ocorreu, fornecendo referência temporal ao leitor/ouvinte.

No que concerne à motivação de condicionalidade, assim como o *enquanto*, o *quando* – por fatores pragmáticos e cognitivos – é influenciado pelo percurso do concreto > abstrato (metáfora) e pela associação de significado (metonímia). Ademais, o matiz de condição é favorecido por meio da correlação dos tempos verbais entre a oração principal e a cláusula hipotática, ao passo que presente + presente expressam uma perspectiva global de estados de coisas concomitantes que promovem a recategorização semântica do conector, levando a indicar ideia de condição.

Percebemos, referente aos gêneros textuais aqui analisados, que por serem textos pertencentes à esfera jornalística e com grande teor argumentativo e/ou opinativo favorecem os conectores estudados neste trabalho a expressarem matizes semânticos que não foram

contemplados na tradição gramatical, como de contraste para o *enquanto* e de condição para *quando*. Logo, chegamos à percepção de que, como são textos constituídos de opiniões e argumentos, o uso desses conectores passa por recategorização semântica pois assimilam a ideia que o interlocutor deseja expressar, tornando, portanto, a linguagem mais subjetiva.

Nessa perspectiva, é necessário enfatizar que a análise das cláusulas de hipotaxe não deve ser restrita apenas à dicotomia coordenação/subordinação como os únicos processos de encadeamento oracional, para não enquadrar os matizes semânticos dos conectores somente aqueles estabelecidos pela tradição, uma vez que os conectivos são revestidos de novos valores conforme as necessidades do faltante no momento da interação.

Neste estudo, portanto, fizemos uma análise descritiva dos conectores *enquanto* e *quando*, que marcam, inicialmente, temporalidade, mas que em contextos específicos expressam ideias de contraste (para o primeiro) e condicionalidade (para o último). Dessa forma, trouxemos algumas contribuições sobre o processo de gramaticalização desses itens a partir de uma concepção funcional que observa o comportamento sintático-semântico e discursivo desses conectores atuantes, principalmente, na junção de cláusulas adverbiais.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre de. **A gramaticalização de embora: um caso prototípico**. 2013
- APOLLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a Produção do Conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2004
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa/ José Carlos de Azeredo**. – São Paulo: Publifolha, 2014
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. 508f. 1999. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras) -Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa/ Evanildo Bechara -37. Ed.** rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- CAETANO, Marcelo Moraes. **Gramaticalização – de Meillet aos dias contemporâneos: parâmetros para uma pesquisa sob perspectiva pancrônica**. 2011. Tese de Doutorado. PUC-Rio.
- CASTILHO, de Ataliba Texeira. **A nova gramática do português brasileiro**. 2019.
- CARVALHO, Sérgio Nascimento. de. **Investigando a metáfora conceitual através da teoria e da prática**. Matraga. Rio de Janeiro, v. 11, n. 16, p. 219-235, 2004
- CARVALHO, Santos dos Cristina. **Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas**. Veredas-Revista de Estudos Linguísticos, v. 8, n. 1 e 2, 2005.
- CAVALCANTE, Sálvio André de Souza; RODRIGUES, Violeta Virgínia; COAN, Marluce. **Sintaxe: articulação de orações**. In: LIMA, Álisson H. V; SOARES, Maria Elias A.S. **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. Ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020 p. 56-100
- CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da língua portuguesa/ Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante**. – São Paulo: Scipione, 2003
- COELHO, Sueli Maria. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens Ter, Haver, Ser, Estar e Ir na língua portuguesa**. 2006.
- CORDEIRO, Lécio; COIMBRA, Newton Avelar. **Contextualizando a gramática**. Recife: Editora Construir, 2009.
- CUNHA, Gustavo Ximenes; MARINHO, Janice Helena Chaves. **O conector 'quando' e o encadeamento de episódios da narrativa jornalística**. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 54, n. 2, p. 187-204, 2012
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís FL. **Nova Gramática do Português Contemporâneo de acordo com a nova ortografia**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2017.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **As orações introduzidas pelo conector quando e seu papel na emergência de relações retóricas em reportagens**. *Calidoscópico*, v. 12, n. 3, p. 296-304, 2014
 CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. **Introdução à linguística cognitiva**. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 16, n. 24, 2009.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: Ftd, 2009

FURTADO da Cunha, Angelica. **Funcionalismo**. Martelotta, Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo, Contexto, 2015

FRANÇA, José Marcos de. **A didatização de um gênero do argumentar: a carta do leitor**. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 12, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIVÓN, Talmy; GIVON, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam e Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: A conceptual framework**. (No Title), 1991.

HOPPER, Paul. J. **Emergent grammar**. *Berkeley Linguistics Society*. v. 13, 1987. p. 139-157.

HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization across clause**. In: *Grammaticalization*. CUP: Cambridge, 1993.

KENEDY, Eduardo. **Para conhecer sintaxe/ Eduardo Kenedy e Gabriel de Ávila**. – São Paulo: Contexto, 2018

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **O gênero textual reportagem e sua aplicação no ensino da leitura e escrita**. *Trama*, v. 8, n. 16, p. 125-138, 2012.

Lakoff, George e Johnson, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar. Cognition and Pragmatics**, p. 77, 2008.

LEAL, Morgana De Abreu; ABREU, Robson Cavaca de. **A teoria da metáfora conceitual em ação**. *Revista Escrita*, v. 2011, n. 13, 2011.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa/ Rocha Lima**. 49 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Regularidades em mudança semântica: um estudo de caso no domínio da junção**. *LaborHistórico*, v. 2, n. 2, p. 130-148, 2016.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Emergência de jutores contrastivos na história do português**: contextos, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 18, n. 2, p. 263-299, 2016.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué, CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, p. 87-106, 2012.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do Português**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**/ Maria Helena de Moura Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1997

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**/ Maria Helena de Moura Neves. – 2.ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2011

OLÍMPIO, De Oliveira Hilda. **Articulação de orações**: uma questão sintática, semântica e discursiva. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 1, n. 1, 2007.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007

RIZZATTI, Cleonice Lucia. **Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber**. *Revista Língua&Literatura*, v. 3, n. 6 e 7, p. 11-26, 2001

RODRIGUES, Violeta Virginia; FONSECA, PRSS da. **Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook**. RODRIGUES, VV Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição. São Paulo: Blucher, p. 143-170, 2019.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática**: teoria e prática/ Luiz Antônio Sacconi, São Paulo: Atual, 1994

SANTOS, Carvalho dos Cristina. **Processos sintáticos de articulação de orações**: algumas abordagens funcionalistas. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, v. 8, n. 1 e 2, 2005.

SANTOS, Ricardo Yamashita. **Wittgenstein e a teoria dos protótipos sob a ótica da linguística sociocognitiva**. *revista Linguagem*, v. 14, n. 1, 2010.

SILVA, Camilo Rosa. **Mas tem um porém...**: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos. 2005. Tese de Doutorado. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2008

TAVARES, Maria Alice et al. **A gramaticalização de e, aí, daí e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações. Um estudo sociofuncionalista. 2003.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998